

Director
Oliveira Tavares

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

GAZETA

DAS

COLONIAS

Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e Administração
R. Diario de Noticias, 44, 1.º

SEMANARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

ETNOGRAFIA COLONIAL



MOÇAMBIQUE — Médico indígena em Gaza

COLABORADORES

Albano A. Portugal Durão (antigo ministro), Maj. A. Cifka Duarte (Ex.^{mo} Director da Aeronautica Militar), Dr. Alexandre de Vasconcellos e Sá (antigo ministro), Engenheiro Alfredo Augusto Freire de Andrade (antigo gov. colonial), Dr. Alvaro Xavier de Castro (antigo gov. colonial), Dr. Antonio Gonçalves Videira (Beira-Moçambique), Antonio José Pires Avelanoso, Alm. Antonio J. A. F. Pinto Basto, Major Antonio Leite de Magalhães (antigo gov. de distrito), Antonio Pinto Teixeira (antigo gov. de distrito), Maj. Antonio Ribeiro de Carvalho (antigo ministro), Eng. Antonio Vicente Ferreira (antigo ministro), Dr. Armando Cortesão, Dr. Armindo Monteiro, Artur Tamagnini de S. Barbosa (antigo gov. colonial), Aires de Ornelas e Vasconcelos (antigo ministro), Cap. Carlos T. A. dos Santos, Dr. Carlos Amaro, Cap. ten. Carlos Pereira (antigo governador colonial) Eng. Carlos Roma Machado, Carlos Oscar da Silva, Eng. Carlos de Sá Carneiro, Al. Carlos Viegas Gago Coutinho, Dr. Constantino José dos Santos (senador), Dr. Egidio Inso, Alm. Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcelos, Dr. Fernando Emídio da Silva, Maj. Francisco C. Aragão, Eng. Francisco da Cunha Rego Chaves (antigo ministro), Msj. Francisco Pedro Curado, Eng. Francisco Pinto da Cunha Leal (antigo ministro), Heitor Eugenio de Magalhães Passos (inspector escolar) Ten. Cor. Henrique Sátiro Pires Monteiro, Cap. Ten. Henrique Monteiro Corrêa da Silva (antigo governador colonial), Dr. João Camoesas (antigo ministro), Cap. João Guilherme de Menezes Ferreira, Cap. João Luiz de Moura, Ten. Cor. João Maria Ferreira do Amaral, Dr. João dos Santos Monteiro, Eng. João Tamagnini de S. Barbosa (antigo ministro), Gen. José Augusto Alves Roçadas (antigo governador colonial), Maj. José A. de Melo Vieira, Dr. José Benevides, Dr. José Caeiro da Mata, Cap. Ten. José E. Carvalho Crato, Dr. José O. Ferreira Diniz, Maj. José Tristão de Bettencourt, Luiz de Menezes Bragança, (India), Luiz Moito, Dr. Manuel de Brito Camacho (antigo Alto Commissario em Moçambique), Dr. Manuel Fratel, Manuel Ferreira da Rocha (antigo ministro); Mariano Machado (antigo Director da C. F. de Beuguela), Dr. Roberto Bruto da Costa (India), Paulino dos Santos Gil (Lourenço Marques), Tomé de Barros Queiroz (antigo ministro), Dr. Francisco Anacleto da Silva (Senador por Macau).

AGENCIAS

A Gazeta das Colonias tem já definitivamente estabelecidas as seguintes agencias:

No Continente: — Para o Porto e Norte do Paiz — Os Ex.^{mos} Srs. Dias Pereira & C.^a

Nas Colonias: — Para a Provincia de Angola: — A Empresa de Publicidade «Angola», Lim.^a.

Para a Provincia de Moçambique. — *Lourenço Marques:* Ex.^{mo} Sr. Aniano Mendes Serra (com acção nos distritos de Gaza, Quelimane e Tete). *Moçambique:* Ex.^{mo} Sr. Antonio Fernandes da Silva. *Inhambane:* Ex.^{mos} Srs. A. Cruz, Limitada. *Manica e Sofala:* Ex.^{mo} Sr. Luiz Pereira Eduardo.

Para a India: — O Ex.^{mo} Sr. Dr. Roberto Bruto da Costa.

Para Macau: — O Ex.^{mo} Sr. Pedro Nobasco da Silva Junior.

Nas restantes provincias: agencias provisórias.

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores de costados e de fandos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones | C. 1926 | Administração e serviço de transportes
| C. 2992 |
| C. 1588 | Oficinas, docas e obras

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,,

“PATRIOTISMO DERROTISTA...”

DIZ-SE que de *patriotismo derrotista* foi classificada, pelo sr. Ministro das Colonias, a atitude dos que, exteriorizando receios sobre possíveis manejos contra os nossos domínios coloniais, para eles chamam a atenção do Governo e do Paiz.

Consideraríamos injusta, em qualquer caso, tal classificação; mas dadas certas afirmações produzidas pelo sr. Ministro das Colonias, e dadas a público numa entrevista concedida ao nosso colega «Diário de Notícias», mal compreendemos como no espirito de S. Ex.^a uma e outras se possam conciliar.

Na entrevista a que nos referimos, aludindo ao *alarme que se tem feito em volta dos perigos estrangeiros que ameaçam algumas das nossas colonias*, o sr. ministro pretende diminuir a gravidade aparente desses perigos, sem contudo deixar de reconhecer a sua existencia, quando diz que *em parte eles são bastant'e imaginários...*

Mas logo adiante S. Ex.^a afirma categoricamente: *é verdade que sobre Angola, principalmente quanto aos planaltos, tem havido pretensões italianas que a imprensa deste paiz tem apoiado...*

...*E' certo tambem que em Angola e sobretudo no Niassa, têm apparecido capitais alemães com uma certa insistencia...*

Ao receio claramente manifestado pelo jornalista, ácerca das *justificadas inquietações* que a Alemanha nos

possa causar, responde o sr. Ministro das Colonias; *tudo isso é possível, mas de certo modo longinquo...*

Depois, alude ainda o sr. ministro ás *pretensões do Congo Belga, aliás do dominio internacional, de obterem uma maior faixa litoral, dando-nos em troca terrenos do interior, que para nada valem...*

Tres perigos reconheceu pois o sr. Ministro das Colonias como existentes: As pretensões italianas claramente expostas na imprensa daquele paiz e, seja dito de passagem, com um desplante que já deveria ter chamado a atenção do Governo de Portugal, pois que, como ainda ha pouco no órgão fascista «Le Impero», vai até se aconselhar a *ocupação pacifica ou violenta de Angola*; a infiltração alemã que, como diz o nosso colega «O Comercio» de Benguela, no seu brilhante artigo «*Alerta Portuguezes*», é feita por *sistemáticas e constantes levadas de alemães, vindos em todos os vapores da sua propria nacionalidade, acompanhados da sua respectiva espingarda «Mauser», devidamente municiados e apetrechados para todos os contratempos, cheios de ouro que espalham cuidadosamente*; e por ultimo, a pretensão belga a uma *faixa litoral, que seria compensada por terrenos do interior, que para nada valem...*, pretensão posta com o conhecimento, e quem sabe se com a aquiescencia internacional.

E ainda S. Ex.^a esqueceu o éco que na União Sul Africana, talvez

encontre ainda hoje, aquellã célebre frase, proferida por Smuts no parlamento do Cabo e que define bem a ancia de expansão,—que por certo não animava sómente o ex-primeiro ministro,—«*precisamos de empurrar para o mar esses arabes*»...

Ha pois evidentemente perigos; o sr. Ministro das Colonias os apontou sem que, certamente, estivesse tomado de desânimo ou de derrotismo; e porque o fés, é que estranhámos que levasse a mal que outros o fizessem.

Se esses perigos não têm a gravidade que lhes tem sido atribuida, tanto melhor.

Mais vale estarmos demasiadamente prevenidos, do que deixarmos-nos tomar de exagerados ótimismos que poderão levar-nos a alguma dolorosa surpresa, como a que nos estava reservada em 1913...

Que o Paiz comece pois os riscos que amanhã podem correr os nossos domínios coloniais, para que, meditando-os, siga o unico caminho que a consciencia dos seus incontestaveis direitos e dos seus indeclináveis deveres lhe aponta—o *duma criteriosa e honesta administração e duma acção colonizadora que exclua confrontos deprimentes para o bom nome de Portugal*.

Que todos os portuguezes, e sobretudo aqueles que pelas colonias andam e a elas estão mais estreitamente ligados, pesem bem as palavras que o sr. Ministro das Colonias fez transmitir ao publico, embora com as reservas que o seu alto cargo lhe impõe.

CORRECTIVOS DA GRANDE GUERRA NO IMPERIALISMO EUROPEU

Pela «Liga pró-Colónias» fomos solicitados para fazer a publicação da brilhante conferencia realisada na Sociedade de Geografia de Lisboa pelo illustre colonial e sábio jurisconsulto, sr. dr. Caetano Gonçalves, e que S. Ex.^a subordinou ao tema: «*Correctivos da Grande Guerra no Imperialismo Europeu*».

Muito gostosamente a «Gazeta», acedendo ao convite que muito a cativou, inicia hoje a publicação do valioso estudo, lamentando não a poder fazer por uma só vez por virtude da falta de espaço com que luta.

*Sr. Presidente.
Minhas senhoras.
Meus senhores.*

Nem a minha saúde, nem os meus instantes e multiplicados afazeres officiaes, consentiriam que eu aqui viesse, hoje, versar um dos variados assuntos propostos á discussão no proximo Congresso Colonial, se a gentileza dos meus distintos colegas na Comissão Executiva, entre eles o nosso eminente consocio e secretario perpetuo da Sociedade de Geografia, sr. almirante Vasconcellos, me não tolhesse o direito á recusa, que assumiria, em tal hipótese, o caracter de uma incorrecção.

Mas não quero occultar de V. Ex.^{as} o meu embaraço ao pretender fixar deante

do vosso espirito, no exame de um alto problema social e politico, um ponto de vista, que, parecendo suscitado pela recente guerra europeia, fôra todavia, já, considerado, e da maneira mais simpática, pelo Governo Português, antes e depois da implantação do regime liberal. Refiro-me ao problema da assistencia local ao indigena das colonias e do seu aproveitamento dentro e fóra do seu paiz d'origem.

Erradamente se fez ao povo portuguez a reputação de violento no combate ás raças insubmissas das regiões descobertas para além do Mar Tenebroso. A violencia não foi o proposito que levou o portuguez ás conquistas d'além-mar. A violencia foi o natural movimento de defeza contra a imprevista agressão de povos desconfiados do objectivo das primeiras expedições eu-

ropeias. Agressão imprevista, porque, na sua boa fé, os companheiros de Vasco da Gama visitando em Calicut o *Camorim*, e os de Paulo Dias penetrando no interior de Angola em demanda do rei do Congo, persuadiram-se de encontrar príncipes cristãos e surpreenderam-se de não serem acreditados na probidade das suas intenções.

O imperialismo portuguez já a esse tempo se não caracterizava pelo critério que na Europa, alguns séculos mais tarde, pretendeu firmar o predomínio da raça germânica sobre as restantes raças do globo.—*Deutsche über alles!*—Era o conceito da *hierarquia*, fundado na superioridade étnica de um povo. Sob a influencia da doutrina cristã o portuguez levou aos povos extra-europeus o principio da *cooperação*, apoiado na igualdade entre os homens: cristãos como eles é o que supunham encontrar para além do Atlantico e para além do Oceano Indico os primeiros navegadores portuguezes. A violencia, como sistema de governo, foi um pouco o pensamento politico dos holandezes, dos ingleses, e dos alemães, nos empreendimentos colonias que disputaram a Portugal a posse de muitos territorios antes e depois da paz de Westphalia, da Convenção do Zaire e do Tratado de Berlim.

Por este ultimo tratado, que estabeleceu as zonas de influencia europeia no continente africano, foi que se definiu a nova politica colonial, de immediata utilização do territorio em proveito exclusivo da metropole, isto é: dos dois tipos classicos de ocupação, a *colônia* e a *possessão*, a Europa marcava uma preferéncia accentuada pela segunda, nas suas duas especies de *feitoria* e *fazenda*: o que importa o repudio manifesto da politica, até aqui seguida pelos paizes latinos, como Portugal e a França, de *assimilação* ou transformação dos usos e costumes locais nas instituições europeias.

Sob o pretexto de respeitar esses usos e costumes, a Europa, sem renegar a experiencia latina das colonias de *povoamento*, adoptou o tipo alemão das colonias de *exploração*, arbitraria criação do capitalismo europeu, contra as quaes todavia se insurgiu na Alemanha o socialista Karl Kautsky, mais tarde ministro da Republica Imperial, protestando que o socialismo seria uma expressão vazia de sentido enquanto não estivesse assegurada a emancipação social dos trabalhadores de todo o mundo.

E foi precisamente o desafio lançado pelo capitalismo alemão aos trabalhadores de todo o mundo a origem do formidavel prélio, que entre os anos de 1914 e 1918, ensanguentou a maior parte do globo. N'essa luta, a que foram chamadas as disponibilidades militares de quasi todos os povos e quasi todas as raças, saiu victorioso o Idealismo, ou seja, a força imponderavel dos principios, contra o materialismo grosseiro dos interesses; por outras palavras: venceu o sentimento da solidariedade nos povos ameaçados pela aggressão alemã, contra o preconceito da hierarquia, a que pretendeu sugar os a politica imperial do pangermanismo. E não empregarei o «lugar-comum» de haver, n'essa luta, triunfado o Direito, porque, além de essencialmente amoral, o Direito é uma ideia relativa, adstrita às razões de causalidade, que lhe servirem de fundamento.

Disse-se, e é certo, que a ultima guerra foi o choque entre os dois imperialismos, o germanico e o anglo-saxonio, o primeiro disputando ao segundo a hegemonia afirmada em todo o mundo, no terreno dos interesses mercantis. A grande verdade, entretanto, é que o momento historico em que esse choque se produziu não assegurou a victoria a nenhum dos dois, sabido

como, despojada a Alemanha de todas as suas colonias, logo a Inglaterra se viu a braços com a tremenda insurreição da Irlanda e as aspirações de uma autonomia mais larga na India, não a podendo ter maior a Australia, o Canadá, ou a União Sul-Africana, verdadeiros Estados confederados do vasto Imperio Britânico. Essa autonomia, prometida á India pelo sr. Lloyd George, e mo premio da sua lealdade e dedicação á Corôa no serviço da guerra, foi-lhe efectivamente concedida, pelo chamado *projecto Montagu*, estudado e debatido com os elementos locais. E, se na primeira remodelação do governo inglez, após a guerra, a Grã-Bretanha cedeu de um príncipe hindú, previamente elevado ao pariato e colocado á frente de um governo ultramarino, o sub-secretariado da India em Londres, a França, injustamente acusada de imperialista, pela unica culpa de pretender garantir-se da execução do Tratado de Versailles, foi mais longe: no decurso da guerra, como sempre fiel aos principios liberais da Grande Revolução, nomeou Alto-Comissario da Republica na Africa Occidental um deputado senegalez, o sr. Diagne, para que pudesse, pelo seu prestigio entre os homens da sua raça, promover um maior recrutamento de tropas indigenas, destinadas a cooperar, em França, com os efectivos europeus, na defesa daquêlles mesmos principios por que a França da Revolução e dos Enciclopedistas não cessou de bater-se, durante o dilatado espaço de mais de um século! Como seria natural, no inevitavel conflito de competencias e atribuições, esse acto de boa politica republicana encontrou a opposição do governador geral da Africa Occidental, funcionario de carreira com gradação militar, que immediatamente poz a questão de confiança; mas o governo do sr. Clémenceau não hesitou e deu-lhe a demissão para manter no posto de Alto Comissario o sr. Diagne. A objecção de que se trata de casos individuaes, que não significam uma orientação politica, nem traduzem um sistema de administração, responderei que, consistindo o imperialismo europeu na teoria do predomínio da raça europeia sobre as que povôam as restantes partes do globo, esses mesmos casos individuaes denunciam um proposito de correcção á ideia inicial, no sentido de que as funções politicas de responsabilidade podem e devem ser atribuidas, não já apenas da superioridade étnica, mas do primado da intelligencia e da cultura mental. Por muito que ao sr. Gustave Le Bon parecesse absurdo o tornar extensiva aos paizes exóticos de além-mar a «Declaração dos direitos do homem», a verdade é que taes paizes só em conformidade com a doutrina d'essa «declaração» podem ser admitidos no convívio das nações cultas. Quero dizer: só por indiscutíveis meritos e virtudes os cidadãos d'esses paizes podem lograr situações de prestigio em qualquer parte.

Como o sr. Le Bon, outro escritor francez, o sr. Léopold de Saussure, aplaudido em Portugal pelo notavel professor que é o sr. Bento Carqueja, opinou que a instrução facultada ás raças consideradas inferiores tinha o defeito de sómente lhes alimentar a vaidade, instintiva em cérebros estreitos, sem lhes formar o sentimento ou o espirito, insusceptivel de alta cultura. Notarei, antes de mais nada, que no sr. Le Bon este conceito, partindo da hipótese poligenista de serem intrinsecamente as raças humanas, é contraditorio com o que n'outro lugar da sua obra o mesmo escritor formulou, afirmando que não ha raças naturaes, mas apenas raças historicas, isto é, que, no decurso da historia, a humanidade sofre as influencias do tempo e do espaço, ou seja, do meio cos-

mico e do meio social. Dêsse modo, as raças humanas estão sempre sujeitas ás alterações produzidas por estes dois fenomenos: o fenomeno migratório e o fenomeno dos cruzamentos. D'ahi a formação de um tipo étnico interessante, derivado do cruzamento ou da fusão de diversas raças ou sub-raças, como o que na Asia os ingleses denominam *eurasian*, mixto de europeu e asiatico, e n'outras regiões designam pela expressão *half-cast*. Seja como fór, assente que são modificaveis, por uma evolução mais ou menos lenta, os tipos humanos, é o momento de perguntar se a missão civilizadora das nações cultas, em relação aos povos atrezados, se ha-de limitar a explorar-lhes o braço, sem cuidar de os proteger contra as intempéries, ou se, pelo contrario, ha-de exercer-se no sentido de os encaminhar a servirem-se d'esse mesmo braço em proveito proprio. Aplicada á nossa Africa a tese seria tal como foi oportuna e magnificamente posta pelo sr. Antonio Ennes no brilhante relatório da sua administração em Moçambique: impôr ao indigena a obrigação do trabalho, «não para com os seus proventos se occupar a Europa, mas para com o seu esforço se civilizar a Africa». E' um dever de justiça proclamar bem alto que tal foi a acção desenvolvida por Portugal nos seus territorios colonias quasi desde o periodo dos descobrimentos e conquistas.

Afonso d'Albuquerque, obrigando os seus homens d'armas a esposar na India as mulheres da terra e distribuindo por elles, em pequenos lotes, o solo conquistado aos mouros, fez em pleno seculo XVI um esboço de colonização. Pombal corôou, dois seculos depois, essa obra, com os celebres alvarás de Abril de 1761 e Janeiro de 1773, abolindo no provimento dos cargos publicos e no trato entre *naturaes* e *reínóes* toda a distincção que não fosse fundada nos talentos e serviços de cada um. A doutrina da «declaração dos direitos do homem» era, pois, uma novidade em Portugal quando entre nós a proclamou, reproduzida da Constituição de Cadiz, a Constituição Politica de 1822.

(Continúa).

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres-biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanitas»—T. Carmo, 1—Lisboa.

MANTUA, Ltd.

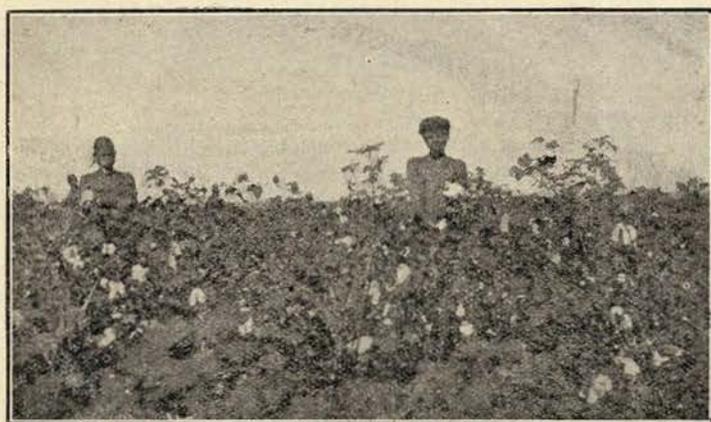


29 a 37
Calçada de S. Francisco
LISBOA

CULTURA DO ALGODOEIRO

INSTRUÇÕES PRÁTICAS

(DO SR. L. GRANATO)



COLHEITA DE ALGODÃO—Empresa Agrícola do Lugella—Quelimane)

INICIAMOS hoje a publicação das instruções práticas sobre a **CULTURA DO ALGODOEIRO**, cuidadosamente coligidas pelo sr. Granato, que as destinou aos agricultores de S. Paulo, onde a cultura daquela planta se está intensificando dia a dia, estimulada pelo decremento de produção na America do Norte e pela conseqüente subida do preço do algodão.

Segundo o seu autor, são estas instruções destinadas áqueles que na cultura do algodão se iniciam, pelo que são discriminadas por capítulos, de forma a torna-las mais facilmente utilisaveis pelos que são pouco versados nas investigações da, já vasta, litteratura sobre a planta do algodão, dentre a qual cita a notavel monografia do decano da agricultura brasileira, o dr. Gustavo d'Utra, valioso repositório dos mais uteis ensinamentos.

I — ESTUDO DO SOLO

- 1—O Algodoeiro não é das plantas mais exigentes, porque vegeta e produz nas terras de regular fertilidade.
- 2—Dê-se preferencia aos solos arenosos-barrentos, não muito ricos de materia organica.
- 3—As terras fundas, permeaveis e frescas, compostas em grande parte, de areia, são-tidas, igualmente, como magnificas na cultura do algodoeiro.
- 4—As terras de aluvião ou desmonte, como se costuma denomina-las, são tambem excelentes e permitem obter-se grande produção.
- 5—As terras arenosas e pobres, mas que contêm muita potassa e acido fosforico produzem regularmente, embora as plantas pouco se desenvolvam.
- 6—As terras humidas não devem ser aproveitadas na cultura do algodão, porque as plantas vegetam e produzem mal, e o algodão, além de escasso, será de qualidade inferior.
- 7—As terras novas não são as mais proprias para o algodoeiro, porque ahi as plantas crescem muito viçosas e pouco ou nada produzem.
- 8—Os solos humiferos, como as terras novas, não são os melhores para essa planta. O grande desenvolvimento foliáceo prejudica sensivelmente a fructificação.
- 9—As terras ricas de humus e as novas tornam-se exce-

lentes quando queimadas, podendo-se conseguir produções não comuns nas em que tiver sido feita boa queima.

- 10—Escolham-se solos fundos e permeaveis, porque o algodoeiro extende o pião radical a dois e três palmos de profundidade; os solos pouco fundos dificultam sensivelmente o desenvolvimento desse órgão
 - 11—Não se dê grande importancia ás informações de alguns que condenam as terras roxas porque, segundo eles, sujam as fibras. Este facto tem sido muito exagerado, porque quando as capsulas se abrem já o solo está de novo coberto de vegetação e o pó não se levantarão tão facilmente.
 - 12—O algodoeiro precisa de ar e de luz. As terras soalheiras e frescas, embora não sejam muito fertéis, produzem admiravelmente.
- ### II — CLIMATOLOGIA
- 13—O algodoeiro é tido como planta tropical, portanto exige clima quente e humido.
 - 14—Admite-se, geralmente, que o algodoeiro produz bem entre 35° e 42° de latitude, no hemisferio boreal, e 30° 35° no austral.
 - 15—A temperatura de 16° é tida como boa no periodo da sementeira, pois esse calor garante a possibilidade de se produzirem os fenomenos de germinabilidade.
 - 16—Os algodoeiros arboreos carecem, geralmente de uma

temperatura mais elevada do que os algodoeiros herbáceos.

- 17—Está provado que em altitudes de 500 a 600 metros o algodoeiro abre perfeitamente as suas maçãs, nada havendo a receiar que tal se não dê em altitudes menores.
- 18—Os climas marítimos são tidos como muito favoráveis á cultura do algodoeiro, não só porque as plantas nelle vegetam melhor, senão tambem porque o producto obtido é de superior qualidade.
- 19—As zonas açoitadas pelos ventos fortes não devem ser aproveitadas para a cultura dessa malvacea, que sofre sensivelmente os efeitos das ventanias.
- 20—As chuvas fracas e frequentes devem ser tidas como preciosas na cultura do algodoeiro, porque substituem a irrigação, que é tão util e aproveitada em outros paizes para favorecer o desenvolvimento da planta.
- 21—Os ventos secos são tidos como nocivos ao algodoeiro, e os climas quentes e secos só podem ser favoráveis quando o solo fôr permeavel e o lençol d'agua estiver a pequena profundidade, ou quando se pôde fazer a irrigação.
- 22—Os algodoes que recebem as brisas do mar dão productos melhores, embora menos abundantes.
- 23—A humidade atmosferica pôde ser nociva ao algodoeiro no periodo da florescencia e frutificação, mas lhe é util e necessaria quando bem distribuida até á época da floração.
- 24—O algodoeiro não sente tanto a falta de humidade no periodo da florescencia, toda a vez, que a cultura é feita em solo rico de materia organica.
- 25—Para a maturação fisiologica da capsula do algodão são precisos de 70 a 80 dias da época da floração.
- 26—Com a entrada do frio o algodoeiro ressentese da falta do calor, e a maturação irregular ou demorada das maçãs prejudica a produção.
- 27—As geadas podem ser fataes ás culturas tardias, porque, além de outros prejuizos, impedem o desenvolvimento das maçãs muito novas, dificultam a abertura das maçãs que estão de vez, e as sementes dessas maçãs não se prestam para a sementeira das novas culturas.

III — PREPARO DO SOLO

- 28—O algodoeiro tira proveito das boas lavras preparatorias, feitas em solos comuns. O seu pião radical

exige solos fundaveis onde pôde atingir a humidade de que carece para vegetar e produzir convenientemente.

- 29—Não tem fundamento a afirmação feita por alguns de que as lavras aratorias prejudicam a produção do algodão. Isto só pôde ser exacto em dois casos:
- 1.º em solos muito ricos de materia organica;
 - 2.º em terras de subsolo esteril.
- 30—Com arado de disco puxado por três bons muareos pôde-se lavar cêrca de um hectare de terra desbravada em 10 horas, o que dá três dias para cada alqueire. Em condições menos favoráveis não se faz senão metade desse serviço.
- 31—Quando se fazem lavras aratorias, convém destorrear e gradear o solo pulverizando bem a sua superficie. Essas lavras, feitas com alguma precedencia, isto é, algum tempo antes da sementeira, expurga a terra e reduz o custo das limpas do algodão.
- 32—As lavras aratorias devem ser fundas nos solos comuns; nas terras muito ricas é prudente fazer lavras rasas, da profundidade de uns 10 a 12 cms.
- 33—Se a lavra do solo é feita a enxada, siga-se a mesma regra, isto é, façam-se covas fundas e largas nas terras pobres, e rasas nas ferteis.
- 34—Nas lavras preparatorias, façam-se primeiro as terras barrentas, deixando-se para o fim as das arenosas.
- 35—A abertura das valetas de escoamento das aguas é operação util não sómente nos solos humidos, mas tambem para impedir que estas fiquem empoçadas.
- 36—As valetas de drenagem convém fazel-as tanto mais proximas quanto mais humido fôr o terreno cultivado.
- 37—A queima no terreno do algodão produz bons efeitos, porque, além de destruir os parasitas, desperta a fertilidade do solo. A perda de azoto não é muito sensível ao algodão, já que as terras ricas deste elemento dão muita vegetação e menor quantidade de frutos.
- 38—A calagem pôde ser util nos solos compactos, mas pôde ser muito nociva nos solos fortes, isto é, nas terras novas e nas ricas de materia organica; nas barrentas, pôdem-se usar uns 500 kgs. de cal por alqueire, podendo-se dobrar ou triplicar essa quantidade quando o seu preço o permittir.

(Continúa).

Seromenho, Silveira & Carvalho, L.^{DA}

Codes: A. B. C. 5.eme Edition et BENTLEY'S

Especialidade em conservas de peixe

Fabricas nos melhores sitios de pesca

Fabricações esmeradas

Calçada de S. Francisco, 23, 2.º

LISBONNE

Especialité en conserves de poissons

Usines sus les lieux de pesche

Qualité choisée

Telegramas: SOSICAR—LISBONNE

Specility preserved fish

Factories on the best fishing spot

Highest quality

Cabo-Verde

O Porto Grande de S. Vicente e o problema do abastecimento de agua.—A entrega á provincia do vapor “Minho,”—A baixa de classe do Liceu Nacional

NUM artigo que fiz publicar no n.º 3 desta *Gazeta* enunciei, como fazendo parte capital do plano de administração do actual governador, as obras do Porto Grande. Não ha ninguem que não perfilhe a orientação do governador quanto aos melhoramentos do referido porto. Mas essa perfilhação não vai ao ponto de se deixar exigir que S. Ex.^a, antecipadamente, mande buscar lá fora, ao estrangeiro, homens com capacidade tecnica bastante, para iniciarem um estudo, que nunca se fez em termos, e cuja finalidade seja colocar o governador numa situação definida perante o problema considerado magno para a vida economica da provincia. Esses homens estrangeiros, e têm que ser estrangeiros porque em Portugal não temos empresa que possa tomar tal encargo, esses homens, dizia eu, terão que declarar o que se pode fazer, o que se deve fazer e o que é indispensavel que se faça.

Creio que os tecnicos não alimentarão por muito tempo as esperanças daqueles que supõem que no Porto Grande ha necessidade, para seu melhoramento, que se façam obras colossais. Entre estas, sempre se falou na construção dum enorme cais acostavel. Tenho a impressão de que esse melhoramento é absolutamente dispensavel. Primeiro, porque, como provarei, não tem utilidade pratica. Segundo, porque admitindo mesmo que dele proviesse algum proveito ou vantagem, a soma dispendida para a sua construção seria tão avultada, que ela nunca seria compensada por esses insignificantes proveitos.

Afirmei não encontrar utilidade pratica na construção do cais acostavel. Efectivamente, á parte a facilidade que ofereceria esse cais ao embarque e desembarque de passageiros e turistas estrangeiros, não teria justificação a sua existencia no tocante á parte comercial da ilha.

A ilha de S. Vicente não é, nem poderá facilmente vir a ser um entreposto comercial. A exportação de

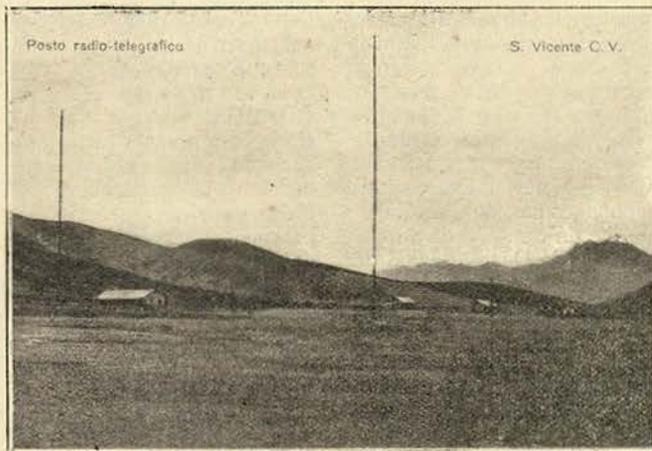
toda a provincia, feita após prévia concentração dos produtos em S. Vicente, é coisa irrisoria para pretender justificar um cais acostavel e seus anexos.

A importação, irrisoria ainda, só deixa de o ser, quando nos referimos á do carvão. E quem conheça a topografia do Porto Grande verá que os actuais, enormes e estaveis depositos de carvão, contraindicam um cais acostavel como intermediario da carga ou descarga desse combustivel.

Haverá alguma razão de ordem

ravel ou não ao homem que o desempenha e irremediavelmente sempre desfavoravel ás pobres provincias ultramarinas, que, sem excepção, caíram sob o jugo dos potentissimos braços da politica partidaria.

A relação do problema do abastecimento de agua com o Porto Grande de S. Vicente, vem a talhe de foice apenas para constatar um facto, que bem demonstra o cuidado da nossa administração.



tecnica que imponha a existencia do cais acostavel?

Os tecnicos o dirão e se essa razão sobrelevar as que eu apontei, então e só então modificarei o meu modo de pensar.

Impõe-se neste momento, e ao actual governador compete fazê-lo sem delongas, chamar os entendidos para dar começo ao estudo da transformação do Porto Grande de S. Vicente. Como são estrangeiros a fazê-lo, temos garantido que esse estudo terá fim e breve.

O que eu temo é que mais breve seja o fim da administração do actual governador, cargo este dependente, infelizmente, de situação politica favo-

Os nossos governantes sabem que a provincia de Cabo Verde vive do Porto Grande da ilha de S. Vicente e que esta, pela sua situação geografica, tem ajudado a metropole a viver; senão que o diga a Administração Geral dos Correios e Telegrafos que desde 1875, aproximadamente, vem recebendo indevida e abusivamente, o rendimento das taxas telegraficas dos telegramas que transitam pelos cabos que amarram nessa ilha, taxas essas que neste ano devem alcançar a bonita soma de 18:000 contos, cuja metade continua ainda a pertencer á referida administração, sem se saber bem porquê. Ora os nossos governantes devem saber que a ilha de S.

Vicente tem um porto que é visitado por uma centena e meia de vapores, mensalmente, que vão em busca de carvão, água e frescos. Pois esses mesmos senhores governantes mostram o seu supremo desleixo, permitindo que na ilha de S. Vicente não haja água para fornecer aos vapores que dela necessitem, esperando que particulares a vão buscar a uma ilha proxima para esse fornecimento, o que bastas vezes tem acarretado prejuizos aos vapores, pela demora a que são obrigados a sujeitar-se; sendo certo ainda, que o governo nunca tentou pesquisar aquas nessa ilha, ou ajudar os particulares a pesquisá-las, nem procurou fazer um deposito, para o caso de em S. Vicente não haver quantidade bastante para o consumo necessario. Porque é que o governo não procura, directa ou indirectamente, fazer chegar a um entendimento as duas Companhias do «Tarrafal» e do «Madeiral» para o abastecimento de agua, ou ainda coadjuvâ-las em qualquer iniciativa, para esse fim, iniciativa que de resto já existiu por parte da Companhia do Tarrafal?

Desde que me conheço, decerto que já passaram pela provincia de Cabo Verde, uma dezena de governadores. A todos o caso mereceu tanta atenção que nunca deram um passo para que tal estado de coisas se modificasse. E das decenas de ministros que tem transitado pela pasta das Colonias, nunca nenhum se lembrou de exigir aos governadores, a solução pratica para essa vergonha sem nome.

E o Conselho Legislativo da Provincia, tem-se esquecido da competencia que lhe dá o n.º 3.º da Secção 2.ª da Base 28 do Decreto 7:008 de 1920.

Sendo assim, talvez Cabo Verde fôsse mais feliz se não existisse ministro das Colonias, se não houvesse governador, e se, se acabasse com o Conselho Legislativo.

*

No cumprimento de uma disposição legislativa, foi entregue á provincia de Cabo Verde o vapor «Minho».

A navegação entre as ilhas de Cabo Verde e entre esta provincia e a Guiné, tem sido feita, incerta e inconstantemente, por navios veleiros, dahi resultando que entre algumas ilhas do arquipelago, distantes apenas uma centena de milhas ou pouco mais, chega a não haver comunicação por um espaço de dois meses, e entre Cabo Verde e a Guiné a mesma scena.

O que se vai, pois, fazer com este vapor?

Como atrás, a proposito das obras do Porto Grande, eu afirmei que a

importação e a exportação da provincia são coisas irrisorias para justificarem a construção dum cais acostavel, agora direi tambem que elas não poderão ser invocadas como pretexto para a aquisição do vapor «Minho». Portanto, ninguem, em meu pensar, pretenderá que se empregue o barco na cabotagem entre as ilhas de Cabo Verde e na carreira Cabo Verde-Lisboa.

Sei que se pensa na viagem Cabo Verde-America, capaz de suprir qualquer importante deficit da carreira inter-insular. Representaria esse facto um desvio da utilização claramente indicada na lei, que cedeu o vapor.

Essa utilização deveria, certamente, ter sido bem ponderada pelo legislador, e decretada tambem consoante os melhores interesses da provincia. Qualquer governador que decidisse nesse sentido daria prova do seu estravagante e pernicioso tacto administrativo.

O ponto de vista pratico que perfilho, e que entendo, desde que o senso comum presida á nossa intelligencia, que deve ser rapidamente estudado (se o não foi já), é um entendimento entre os governos de Cabo Verde e Guiné para que o vapor se destinasse ás carreiras — Lisboa-Guiné-Cabo Verde-Lisboa e Lisboa-Cabo Verde-Guiné-Lisboa. Os governos exerceriam acção fiscalizadora sobre a exploração do vapor e só essa. A exploração pertenceria a uma Companhia em que Cabo Verde entraria com o vapor, a Guiné com um subsidio anual, préviamente combinado, e os particulares, principalmente grandes comerciantes das duas provincias, ficariam administradores da exploração.

Outra qualquer solução, levará a provincia forçosamente a vender o barco, o que, para muita gente, poderia ser um delicioso acto de administração...

*

Levantou grande celeuma e o mais justificado protesto a vontade manifestada pelo governador de propôr em Conselho Legislativo, depois de prévia autorização de S. Ex.ª o Ministro, a redução de classe do liceu nacional de S. Vicente, dotando-o em substituição do que fôsse suprimido, com um curso comercial, francês e inglês, e pedagogia.

Informam-me que S. Ex.ª o Governador é contra a existencia dum liceu em Cabo Verde. Se assim é, preferivel era que S. Ex.ª desassombradamente dissesse ao sr. Ministro que entendia ser o liceu um estabelecimento de ensino absolutamente dispensavel, propondo nessa conformidade, a sua completa extinção. Estamos então em face duma medida

discutivel e venceria quem mais razões de peso apresentasse.

Mas a redução de classe, creio ser caso unico na historia da Instrução Publica e pedagogicamente é inteiramente inaceitavel.

Eº elucidativo notar que, tendo o liceu de Cabo Verde uma frequencia de 90 alunos aproximadamente, se preteudia reduzi-lo a uma nova e singular especie de liceu com 1.º e 2.º ano apenas, ao passo que o de Macau com 50 alunos, máximo de sua frequencia durante a sua já longa existencia é e continuará sendo Liceu Central.

A criação do liceu em Cabo Verde deu lugar a que as despesas da Instrução Publica não continuassem sobrecarregando as receitas principalmente adquiridas á custa dos impostos directos e indirectos que em outros serviços publicos tem sido totalmente empregados.

Assim, a titulo de «Compensação de despesas da Instrução Publica» existem hoje em Cabo Verde os seguintes impostos:

3 % «ad valorem» sobre todas as mercadorias despachadas na alfandega.

1 escudo por cada litro de aguardente fabricada na provincia.

1 % sobre o valor da purgueira exportada, e ainda uma certa quantia com que todas as Camaras Municipais entram nos cofres da Provincia para o mesmo fim.

Todos esses impostos dão uma receita aproximada de 1.300 contos, gastando o liceu tal como está 139 contos!

Bem andaram os que tenazmente combateram, junto do sr. Ministro das Colonias, uma medida que, nenhuma razão económica ou financeira podia justificar.

O sr. governador parece que não gostou que se discutisse e combatesse a sua intenção. Ora o sr. dr. Julio de Abreu que ninguem tem o direito de suspeitar que aceitasse o encargo de governar a provincia com outro fim que não fosse promover o seu desenvolvimento, e torná-la uma provincia próspera, é um homem intelligente, honesto e demasiado franco.

Como homem intelligente deve estar satisfeito por ver os seus governados interessarem-se pelos seus actos de administração, discutindo-os e apreciando-os com desassombro, sem tremor ou tibezas.

Como homem honesto e franco não deveria nem deverá gostar que qualquer medida que pretendesse ou pretendia de futuro pôr em execução esteja sob sigilo, a não ser em caso excepcionais, que não este, porque de contrario dar-nos-ia a todos o direito de suspeitar dos intuitos e da lealdade de S. Ex.ª.

Francisco Antonio Martins.

Guiné

COMERCIO, AGRICULTURA E NAVEGAÇÃO

A Guiné Portuguesa, caminha para largos destinos. Estamos bem pagos da violência que tivemos de empregar, sempre que aqui na Metropole se apregoava aos quatro ventos que o cancro deficitario da Guiné e de Timor só se extirpava, vendendo essas duas ricas colonias, que não tinham culpa que os seus administradores, as desadministrassem fomentando as guerras com o gentio, que tanto herói fabricaram. Hoje, a Guiné prova que, não tardará que passe em riqueza á propria S. Tomé e Príncipe, até agora a nossa perola de colonisação, mercê da intelligencia dos portuguezes que a tem governado nestes ultimos anos.

Efectivamente, a Guiné caminha formidavelmente:

Depois que Bolama nos foi entregue após a sentença arbitral do Presidente Grant, dos Estados Unidos da America, em 1870, o movimento comercial da Guiné era de 410 contos, sendo 227 de importação e 184 de exportação.

Em 1891 o movimento comercial era de 480 contos, sendo 267 contos de importação e 213 de exportação. Em 1920, o movimento comercial da Guiné foi de 25 mil contos, sendo 15.500 contos de importação e 9.500 contos de exportação.

Ao contrario do que muita gente pensa, não causa abalo algum quando uma colonia a fazer-se, importa mais do que exporta, não sendo para país velho como o nosso, sinal de saúde, quando lhe acontece o mesmo, e isto vem a talho de foice, porque não ha muitos meses, e ácerca de Angola, aventou-se a peregrina ideia de a dar por doente, por num periodo de febril actividade passar a importar mais do que exporta.

Mas, como diziamos, a Guiné marca um extraordinario periodo de prosperidade, apesar de sómente ser a agricultura que está concorrendo para isso, sem ainda estar no seu apogeu, nem ter o concurso das industrias extractivas que um dia hão de ser de

uma extraordinaria potencia, nem o da riqueza mineira.

E' curioso verificar como a agricultura se tem desenvolvido na Guiné, de 1914 para cá. Começaremos pelo arroz, cultura de um larguissimo futuro nesta provincia:

Anos	Importação	Exportação
1914.....	1.143:582 kg.	1:365 kg.
1915.....	241:613 "	50:038 "
1916.....	81:330 "	66:949 "
1917.....	9:120 "	237:071 "
1918.....	860 "	362:443 "
1919.....	—	639:753 "
1920.....	141:161 "	203:376 "

Esta produção corresponde ás seguintes areas em cultura:

Anos	hectares
1914.....	50
1915.....	602
1916.....	700
1917.....	890
1918.....	1:000
1919.....	1:140
1920.....	800

A produção da amendoa de palma, talvez não tenha aumentado por novas plantações que desconhecemos, mas tem tido maior aproveitamento pela pacificação do territorio, muito do qual nos esteve interdito. Verificando a exportação, teremos:

Anos	Toneladas	Numero de palmeiras aproveitadas
1914.....	5:506	350:000
1915.....	4:746	300:000
1916.....	7:284	460:000
1917.....	11:201	700:000
1918.....	5:787	360:000
1919.....	9:686	600:000
1920.....	10:219	638:000

O amendoim ou mancarra, tambem tem aumentado extraordinariamente de cultura na Guiné: a exportação e as

areas entregues a cultura podem verificar-se no seguinte quadro:

Anos	Tonneladas	Area em cultura
1914.....	12:851	16:000 hectares
1915.....	12:219	15:200 "
1916.....	7:143	9:000 "
1917.....	10:583	13:200 "
1918.....	2:481	3:100 "
1919.....	16:792	21:000 "
1920.....	12:944	16:000 "

A produção da borracha, que chegou a ser muito importante, tende a diminuir, em virtude da sua qualidade não alcançar grande preço. E' um facto que na Guiné, como em Angola, ha de ser a falta de conhecimento dos metodos modernos de extracção e preparação do «latex», que ha de arruinar por completo esta grande exploração agricola colonial. Além do mais, desde que não haja da parte das repartições officiais aquele desejo de mostrar praticamente como se pode melhorar a agricultura colonial, os agricultores coloniais, tem de, sósinhos instruirem-se e estudarem eles mesmos, o que mais lhes convirá fazer, tendo a orientá-los a experiencia do estrangeiro. Ora o que se deve fazer na Guiné, é largas culturas das melhores arvores da borracha, e só fazer a extracção e coagulação do «latex» como deve ser feita e nós indicaremos em breve. Do contrario, mais uma vez a orientação scientifica das colonias estrangeiras baterá as nossas, vivendo da rotina.

Na parte das importações, mal se compreenderá porque a Guiné, importou em 1920, perto de 262 toneladas de tabaco em folha, no valor de 1:162 contos, quando a provincia tem largas terras, facilmente irrigaveis, onde a cultura do tabaco se pode fazer com absoluto exito. A quantidade importada nesse ano, ou mesmo as 302 toneladas importadas no ano de 1916, podiam ser conseguidas, com a cultura de 600 hectares de terreno, e um lucro de 1:400 escudos em cada hectare, vendendo o tabaco ao preço de 4 escudos,

Finalmente, a Guiné merece que todos os coloniais façam um esforço comum no sentido de se conseguir o estabelecimento de uma carreira de navegação portuguesa, entre aquela provincia e a Metropole; é necessario que nos não esqueçamos que ao estalar da Grande Guerra, em 1914, o commercio da Guiné estava inteiramente nas mãos dos alemães, os quais tinham dois paquetes por mês, canalizando para Hamburgo toda a nossa produção, enquanto que os dois paquetes «Bolama» e «Guiné», apareciam irregularmente, concorrendo para a desnacionalisação que se vinha fazendo com a maior segurança. Hoje, a situação volta a ser difficil, por falta de carreira regular de navios portugueses: em 1920, num total de importações de

15.540 contos, apenas 3.646 contos de mercadorias tinham ido de Portugal; o primeiro cliente da Guiné foi a Inglaterra com 3.780 contos; o terceiro foram os Estados Unidos da America com 2.741 contos; segue-se-lhe a França com 1.671 contos; depois a Holanda com 1.509 contos. Nas exportações é a Holanda que tem o primeiro logar com 4.190 contos; segue-se-lhe Portugal com 2.197 contos; depois a Dinamarca com 1.832 contos; a Alemanha que figurava com 237 contos, procura hoje vêr se retoma o logar perdido, dirigindo os seus navios para a Guiné.

Sejamos suficientemente prudentes para olharmos com olhos de vêr para este momentoso assunto da navegação.

Por mais patriotismo que tenha o actual governador, e a esse respeito não temos a menor duvida, o assunto

não se resolve sem grande esforço dos coloniais daqui e dos de lá, com a decidida boa vontade do sr. ministro das Colonias, ante o qual nos permitimos colocar estas superficialissimas considerações.

A. Xavier da Fonseca
Engenheiro civil

PROCURAM REPRESENTANTES

— PARA A VENDA DE —

PERFUMARIAS, PÁSSAMARIAS E ARTIGOS DE PAPELARIA — — —

Cruz Marinho & Castanheira, Limitada

RUA GOMES FREIRE, 87-1.º—LISBOA

Luso-Colonial, Ltd.^a
ROSSIO, 93, 3.º
LISBOA

Codigos | Ribeiro
A. B. C. 5.ª Edição.

Tele | fone NORTE 812
gramas MILABREU

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

VINHOS DE CONSUMO E LICOROSOS

CONSERVAS, GENEROS COLONIAIS

Dão REFERENCIAS BANCARIAS — Pedem correspondentes nas colonias portuguezas

Agentes nas principais praças europeias.

Sucursal em ANVERS. Longue Rue Neuve, 16

A CONSTRUTORA, L. da

Capital realisado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA
Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

AFRICA

Sousa Lara & C.ª Ld.
Joaquim Duarte

LISBOA

José Rodrigues de Carvaiho
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilometro 627



Angola

Contribuição para o estudo do clima do planalto de Angola sobre o ponto de vista meteorológico e medico

(Continuação)

No decreto n.º 5754 de 10 de Maio de 1919 esses serviços foram em parte regulamentados, não tendo dado até hoje os resultados que dele se esperavam. Porque? Estou convencido que por falta de remuneração condigna aos individuos encarregados desse serviço e por não ter sido confiado a quem estivesse á altura de poder avaliar a importancia das observações. Quem se tem dedicado ao trabalho de observar aparelhos meteorológicos sabe quanta paciencia, quanta abnegação e quanta consciencia são precisas para os pôr ao serviço de boas observações. Ora a verdade é que a maior parte das vezes não tem havido cuidado algum na escolha dos encarregados desses serviços, entregando-os a creaturas que não fazem a minima ideia do que taes observações ou a sua falta representam, e inscrevem nos boletins, não as temperaturas etc., que os instrumentos dariam se fôssem observados, mas as de igual hora em dias anteriores; são observações por palpite que um observador consciencioso não confiaria ao papel. Eu poderia apresentar verdadeiras barbaridades que só a ignorancia justifica e que eu observei; mas para isso teria de apontar nomes e eu não o quero fazer. Nos proprios mapas que adiante apresento ha erros palmares; por exemplo no grafico F aparece uma tensão de vapor no Lubango no mês de Julho igual a 12, 3 milim. que evidentemente está errada, o que facilmente se depreende do estudo do mapa referente a este posto que vem nos Anais Meteorológicos de 1917 e correlativamente deve estar errada tambem a humidade relativa, com cujo grau deve ter jogado.

A caracterisação dos climas tem de obedecer a dois factores: a observação instrumental e a pessoal. A primeira deve fazer-se no maior numero de anos possivel e com dados que mereçam toda a confiança, colhidos tanto no planalto como no litoral e região inter-media, para da sua comparação obter dados que não-de facilitar o que se tem em vista. A segunda tem de ser feita por pessoas que, a par de conhecimentos de meteorologia, não desconheçam os efeitos que sobre o organismo humano exercem os variados fenomenos meteorológicos. Da conjugação das duas observações salta a caracterisação do clima. Pelo que atraz disse vê-se que o presente trabalho não pode representar a ultima palavra sobre o clima do planalto, visto ser eu o primeiro a reconhecer o quanto de incongruente e desconexo ha nas observações meteorológicas em que ele se baseia, sim é verdade; mas pôde o resultado apresentado considerar-se como muito aproximado da verdade em virtude do principio corrente em meteorologia de que os fenomenos meteorológicos da maior parte dos logares pouca alteração sofrem de ano para ano, e de modo a alterarem sensivelmente o facies climológico do logar. Ha evidentemente factos anormaes que excèccionalmente aparecem e que por isso não tem

importancia de maior para a determinação do clima; e outros que aparecem com longos intervalos, ainda que com certa periodicidade, mas que por isso mesmo a observação pessoal deve fazer entrar como correctivo para essa determinação.

Fiz em 1890 observações meteorológicas no planalto de Benguela, quando fiz parte da expedição militar que foisubmeter o Bié revoltado e agora em 1922. Fil-as no planalto de Mossamedes em 1890-91 e em 1896-97-98; pois tanto umas como outras pouco diferem das dos outros anos, e tudo me leva a crêr que essas mesmas diferenças são antes devidas a erros dos observadores, por se servirem de aparelhos diferentes.

O planalto de Mossamedes é de vèz em quando assolado por sécas que arrastam grande mortandade de indigenas; e anos ha, e estes são mais frequentes, em que as chuvas são torrenciais, acusando o udometro 2 e 3 metros de agua, o que não quer dizer que isso vá alterar a sua media anual de 900 milim., e mesmo porque esses anos de extrema secura só aparecem em periodos largos que ás vezes vão até á vida dum homem. Como as varias origens a que recorri para a confecção dos mapas e graficos não tem a unidade e a continuidade precisas para só por si fornecerem medias para as diferentes terras a comparar, fiz um apanhado de todas elas suprimindo assim umas as faltas das outras. Este processo que á primeira vista poderá parecer incorrecto, mostrou-me pelos seus resultados que eles não estão longe da verdade, conhecedor pessoal como sou da maior parte das terras que nos mapas figuram.

Apesar de serem variados os elementos meteorológicos que figuram nos mapas dos observatorios de primeira ordem, a verdade é que ao higienista para a caracterisação dum clima bastam, como essenciaes, trez elementos: a temperatura, a tensão de vapor e a quantidade de agua caída, sendo os outros elementos subsidiarios. Tomando como base aqueles trez elementos dividirei os climas de Angola em climas continentais e climas maritimos, subdividindo-os ainda, os primeiros em climas de zonas altas ou planalticas, de zonas intermedias e de zonas baixas; e os segundos em climas de zonas do norte e centro, e da zona do sul. E assim teremos:

Climas continentais	Zona planaltica; exemplo Lubango Huambo e Malange.
	Zona intermedia—Bocoio, Ganda, Bolombo e Quiengues.
	Zona baixa—Caxito, São Salvador, Dondo.
Climas maritimos	Zona do Norte e Centro—Cabinda, Loanda, Novo Redondo.
	Zona do Sul—Mossamedes, Porto Alexandre, Bahía dos Tigres.

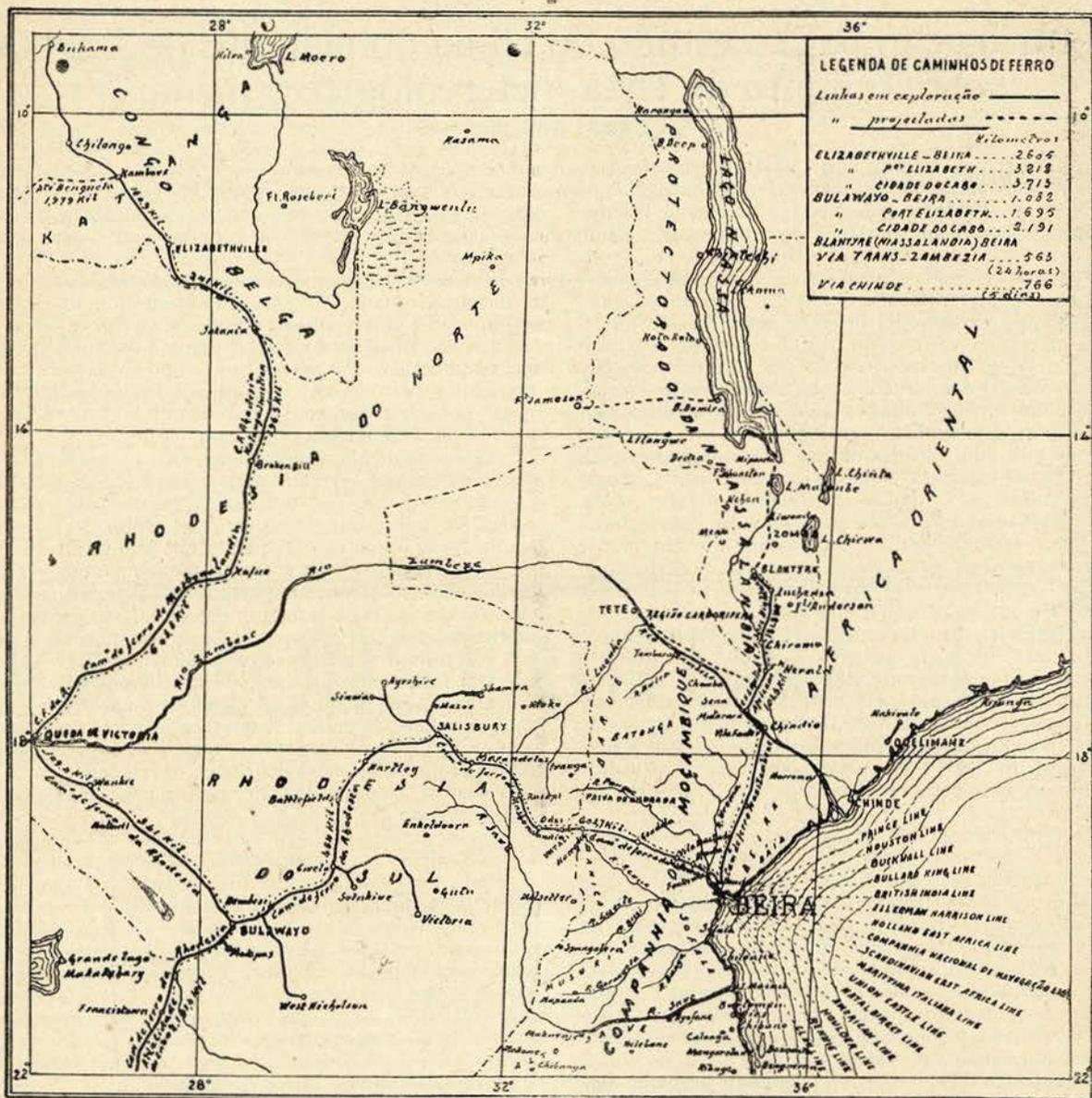
Deixarei para maior desenvolvimento a zona planaltica.

(Continúa).

Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental



Mozambique

O EMPRESTIMO EXTERNO

ESTA finalmente negociado o empréstimo que o sr. Alto Comissario de Moçambique reputou indispensavel para poder pôr em prática o seu plano de governo.

Por informações que temos como absolutamente seguras, sómos levados a crêr que nas negociações agora ultimadas, se conseguiu a modificação d'algumas clausulas e a introdução d'outras, deforma a serem devidamente acautelados os interesses da provincia e a conseguir-se que o empréstimo seja um factor de progresso da colonia e não uma causa de agravamento da sua situação económica.

Assim, ficou estabelecido que todas as obras serão préviamente orçamentadas.

Os preços serão revistos de 6 em 6 mezes, fazendo-se os pagamentos provisorios mensalmente e tornando-os definitivos depois de justificados em face da revisão dos preços e da medição dos trabalhos efetuados.

Um dos justificados receios das pessoas que se mostraram contrarias á realisação do empréstimo, nas condições que tinham sido anunciadas, baseava-se na impossibilidade da colonia presentemente arcar com as despezas de amortisação.

Estes encargos, porém, foram transferidos, devendo a amortisação da 1.ª emissão, cuja data ainda não está fixada, começar depois de decorridos 4 anos, periodo este, provavelmente, julgado suficiente para que se comecem a sentir os efeitos das obras de fomento que se vão realizar.

A segunda emissão será feita dentro dos 3 anos seguintes, mas nunca sem que seja reconhecida a sua necessidade, e começará a ser amortizada 3 anos depois.

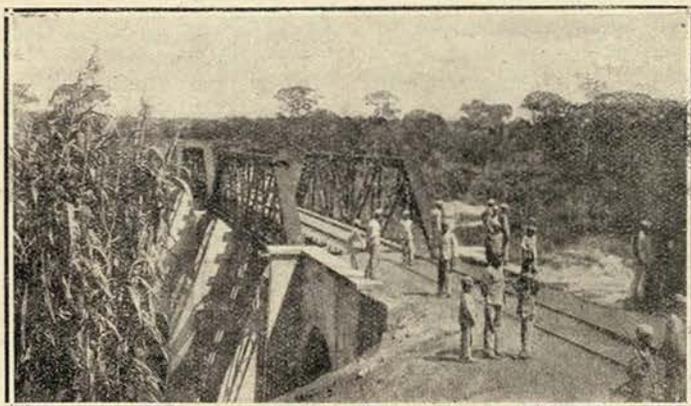
Outra resolução tomada no sentido de evitar o dispendio com trabalhos que não produzam logo um rendimento compensador, é a de sómente se iniciarem as obras, que haja a certeza de poder ultimar com os recursos das emissões.

Em cumprimento d'esta resolução, que reputamos absolutamente louvavel, será o remanescente da 1.ª emissão, depois de pagos os debitos existentes n'um total de cerca de 900:000 libras, applicado á construção do Caminho de Ferro de Moçambique, das oficinas geraes dos C. F. em Lourenço Marques, e das pontes do caminho de ferro de Quelimane, e á unificação da bitola d'esta linha.

Estes são os pontos mais importantes das informações que conseguimos colher.

Está realisado o empréstimo. Por mais vantajoso que seja, nunca ele poderá deixar de representar para Moçambique um pesado encargo, que é mister cobrir pela criação de novos rendimentos, provindos de obras de fomento.

Que isto se faça, são os nossos desejos, os desejos de todos os portuguezes, que não podem deixar de reconhecer os riscos que Moçambique correrá, se não assentar definitivamente no modo de vida, que a sua situação lhe impõe.



CAMINHO DE FERRO DE MOÇAMBIQUE—Ponte sobre o Monapo

O aproveitamento do Vale do Limpopo

Diz-se que um grupo de capitalistas americanos e ingleses propôs ao governo portuguez, fornecer-lhe o capital necessario para a irrigação duma parte do vale do rio Limpopo, na extensão de 20:000 hectares.

Esse capital, que está calculado em 400:000 libras, seria cedido pela seguinte forma: 200:000 libras constituiriam um empréstimo, cujo juro seria pago com a venda da agua que o Estado fornecesse; as outras 200:000 libras pagariam a concessão, feita aos proponentes, de 10:000 hectares do terreno irrigado.

Nestas condições ficaria o Estado na posse de 10:000 hectares de terreno, tambem irrigado, representando cada hectare 20 libras, quantia que não podemos deixar de considerar pouco avultada, comparando-a com a que cada hectare de terreno, valorizado pela irrigação, pode render, transacionado pelo governo da provincia.

Afigura-se-nos que uma tal proposta é de aceitar, em principio, convencidos, como estamos, dos beneficios que á economia de Moçambique traria a obra de que se trata, e não esque-

COMPANHIA DO NIASSA

No artigo que publicamos no nosso ultimo numero, sobre a situação da Companhia do Niassa perante o governo, artigo que o nosso presado colega *A Tarde* teve a amabilidade de transcrever, o que muito agradecemos, referimo-nos exclusivamente á falta de cumprimento da clausula contratual relativa ao caminho de ferro ligando o lago Niassa a um dos portos da costa.

Se o fizemos não foi por ignorar que a outras clausulas, a todas, a Companhia tem faltado, mas por entendermos que o não cumprimento daquela basta para condenar a conduta da Companhia do Niassa, visto que sem o caminho de ferro, a cuja

construção se obrigou, os territorios que lhe foram concedidos ficam absolutamente desvalorizados.

Sobre uma das clausulas, porém, devemos dizer, por amor á verdade, que não será da Companhia a exclusiva responsabilidade de não lhe ter sido dado cumprimento.

Referimo-nos á obrigação de *estabelecer no prazo de cinco anos nos territorios da concessão mil familias de colonos, a quem fornecerá terrenos, sementes e alfaias agricolas.*

O transporte desses colonos devia ser promovido pelo governo da Metropole e por este custeado; não se fez assim; os governos fugiram a esse dispendio, sem pensar que assim

sabemos que o sr. dr. Brito Camacho, quando Alto Commissario de Moçambique, iniciou algumas diligencias, mandando remeter para a America um relatorio em que o aproveitamento do vale do Limpopo era estudado nos seus diferentes aspectos, por forma a despertar o interesse dos americanos, que chegaram a anunciar a ida dum engenheiro, que em Moçambique iria estudar o assunto.

Passou essa oportunidade; oxalá esta não se perca e que a irrigação do vale do Limpopo possa emfim sair do campo das aspirações.

tiravam á concessão uma das suas disposições mais justas.

Mas o que teria sido a sorte desses mil colonos, se para os territorios do Niassa tivessem ido?

Sem vias de comunicação que lhes garantissem a saída dos productos que conseguissem; instalados, por certo, nos terrenos que a Companhia reconhecesse como menos apropriados a dar-lhe o lucro que visava ao tomar a concessão, e que seria n os peores, que condições de progresso ou mesmo de vida desafogada se garantiam a esses desgraçados?

E de resto, teria a Companhia cumprido as suas obrigações, fornecendo-lhes os elementos indispensaveis para a sua labuta?

A forma por que a Companhia do Niassa tem cumprido os seus compromissos para com o Estado, autoriza a duvida.

E assim, a falta de cumprimento dessa clausula do contrato, unica falta que julgamos não ser da responsabilidade exclusiva da Companhia, redundou num beneficio para essas mil familias de colonos, livrando-as duma desgraça quasi certa, e para a Companhia do Niassa, evitando-lhe mais uma culpa no libelo acusatorio que, contra ella, justamente se vem formulando.

SOUSA MACHADO & C.^A

SEDE EM LOANDA

ANGOLA--CABO VERDE--GUINÉ--LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

:: PRODUTOS COLONIAIS ::

:: CEREAIS DE ANGOLA ::

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portuguesa da:

FORD MOTOR COMPANY

E. U. A.

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, accessorios e sobressalentes

:: FILIAL EM LISBOA ::

RUA GARRETT, 62, 2.^o

FILIAIS NO:

LOBITO
HUAMBO

END. TELEGRAFICOS:

PARA ANGOLA--SOMA
PARA LISBOA--SEGUE



Macau

INTERESSES DA PROVINCIA

DE um nosso amigo que a provincia de Macau está ligado por uma grande dedicação e por valiosos serviços já prestados, recebemos a interessante carta que transcrevemos:

Meu caro amigo

Recebi a sua presada cartinha em que pede a minha colaboração para a Gazeta das Colonias.

Desejaria poder corresponder á sua amabilidade, mas sinto-me longe de poder interessar com os meus artigos os numerosos leitores, que a sua encantadora revista, por certo, vae ter. Sou um colonial de muito recente data e, em todo o caso, um fraco colonial.

Quando muito irá, ao sabor do momento, de quando em vez, uma carta, reflectindo a opinião de uma duzia de amigos de Macau, acerca do que de palpitante por aqui vae correndo.

Macau, a gema do extremo-Oriente, está passando por uma transformação maravilhosa e pena é que os seus recursos vão faltando, principalmente com a recente rescisão do contracto do opio, que deixou de dar á colonia uns milhões de patacas. De ano para ano este rendimento vinha sendo reduzido e agora faltou por completo, até que o Governo Portuguez consiga do Governo Britanico auctorisação para que de Calcutá nos possa continuar a vir, ao menos umas 360 caixas de opio cru, a que incontestavelmente temos direito.

O outrora a provincia importava 500 caixas da India, tantas como Hong-Kong e, todavia Hong-Kong, apesar de se ter obrigado como nós a restringir a exportação deste producto continua a ver esta sua receita crescendo dia a dia, nunca lhe tendo faltado a materia prima.

Diz-se aqui que o Governador que partiu para a metropole, via America, vae na disposição de tratar com o Governo Inglez de aplanar todas as dificuldades levantadas pela India e obter uma justa compensação para Macau, não inferior á concedida a

Hong-Kong. E' claro que ha um exagêro, pois o Governador de Macau, embora deva acompanhar de perto a questão em Londres, não pôde intervir nela directamente, nem substituir os nossos agentes diplomaticos ali onde, entre outros, um ha de valor e que tomou parte como delegado do Governo Portuguez na ultima conferencia do opio.

Trata-se do sr. Oscar Potier, a quem Macau deve muito, porque foi incansavel na defeza dos nossos interesses, a par dos outros dois delegados srs. Bartholomeu Ferreira e Sanches de Miranda. Encostou-se a boa arvore o sr. Rodrigo Rodrigues e de crêr é que Macau não perca ainda d'esta vez.

Quem serão os delegados portuguezes á futura conferencia do opio?

Macau, se fosse consultada lembraria o nome do sr. Oscar Potier em primeiro logar, visto conhecer bem o assumpto e a nossa aspiração.

Diz-se tambem que o Governador, entre outras questões, vae procurar ver atendida pela metropole a relativa ao Lar dos Portuguezes e ao liceu, que deseja volte a ser Nacional.

No Lar dos Portuguezes, houve uma nitida compreensão por parte do sr. Rodrigo Rodrigues, da necessidade de unir os portuguezes do Oriente, á colonia que lhes foi berço e, portanto, á Patria. Para isso adquiriu, á custa de Macau, edificios em Pekin, Shanghai e Cantão, que destina á legação portugueza e consulados, ao mesmo tempo que, com o fim associativo, n'elles reunirá todos os portuguezes em gremios e em escolas.

Ninguém ousará contestar a boa intenção que presidiu á ideia do Lar dos Portuguezes, mas parece que não se acautelaram suficientemente os interesses da colonia, pois a compra d'esses edificios tem dado que falar aqui e parece que em Lisboa, onde o Lar dos Portuguezes não teve aprovação por parte do Conselho Colonial.

Quanto ao liceu, que desde 1917 se elevou a Central, pretendia o sr. Rodrigo Rodrigues que ele voltasse a

Nacional, por uma razão de natureza economica.

De facto, a redução do liceu de Central a Nacional impõe-se, pois do curso complementar do liceu de Macau não sahiram ainda mais do que 4 alunos, n'um ano. E desde que o liceu passou a central, isto é, desde 1917, apehas 8 alunos aproveitaram, tendo havido alguns anos em que o numero de professores é superior ao de alunos matriculados.

A questão da instrução n'esta colonia devia merecer atento estudo, feito não por quem pretenda fazer dela politica, mas por quem esteja com o fito unico de favorecer os interesses do Paiz, e de modo, portanto, a evitar a desnacionalisação dos macaenses.

O Governador viu o problema de modo a poder fundir o curso preparatorio do liceu e do seminario, aqui existente, n'um só. O proprio seminario se incumbiria de levar a efeito esta sugestão, resultando para o Estado uma enorme economia e vantagens para o ensino.

Tudo parecia disposto a aquiescer a esta formula, quando de repente, surgem reclamações, não só d'aquelles que se julgavam lesados nos seus interesses, como do municipio, contrariando uma medida reputada urgente, atenta a crise que a colonia ia atravessar!

E logo se poz de parte a ideia do liceu deixar de ser central, para continuar a manter um numero de professores excessivo para as exigencias do ensino, n'um meio tão limitado como este e n'um liceu sem alunos! O sr. Rodrigo Rodrigues devia ter ficado muito surpreendido e eil-o a defender ahí o seu plano de economias.

Nas medidas a executar pelo governo da Colonia, no respeitante a instrução, ha um ponto verdadeiramente interessante e em que se reconhece o grave erro que se praticou, vae fazer 14 anos, fechando-se um belo estabelecimento de ensino para meninas, a cargo de educadoras religiosas portuguezas, dando origem a que as filhas

de funcionarios portuguezes tenham hoje de ir procurar ao estrangeiro, a Hong-Kong, a Shanghae e ao Japão, os collegios internatos, onde se ministre o ensino com o cuidado que aqui se dispensava.

Anteriormente acudiam a Macau, de todos os pontos do Oriente, familias e familias de portuguezes macaenses com creanças que aqui vinham aprender. O collegio de S.ta Rosa de Lima gosava de uma justa fama e os paes, depois de entregarem suas filhas ás religiosas portuguezas que lhes começavam por ensinar a nossa lingua, voltavam tranquilamente ás suas occupaões no estrangeiro, aproveitando todas as férias para, num salto, virem a Macau e conhecerem o progresso que as pequeninas alunas iam mostrando dia a dia no estudo da lingua patria, do inglez, francez, alemão, lavores, arte, ménage etc.

A população portugueza de Macau augmentava, e no commercio local este facto teve sempre uma muito favoravel repercussão.

A ideia, pois, do sr. Rodrigo Rodrigues fazer voltar para Macau collegios nas condições do que aqui existiu, com o intuito de atrahir toda a população portugueza desviada para collegios estrangeiros, mereceu gr n de aplauso pelo lado dos macaenses

que amam a sua terra e desejam o engrandecimento do nome portuguez.

Por outro lado tem o illustre Governador a intenção de dar maior desenvolvimento ao ensino primario, o que nos parece ser tambem boa orientação.

O macaense, em geral, procura na lingua ingleza os conhecimentos indispensaveis para se dedicar a qualquer ramo de commercio no estrangeiro, porque com mais facilidade encontra bons mestres n'esta lingua do que em portuguez, e mais facil collocação no estrangeiro do que em Macau. Desde que, porem, lhe facultem meios seguros de aprender a lingua patria, não foge a vir conhecê-la, esteja onde estiver, havendo exemplos em Hong-Kong de escolas de portuguez serem frequentadas por adultos fora das horas habituaes de trabalho.

Houve ha tempo quem se lembrasse de anexar a cada consulado do extremo-Oriente uma aula de portuguez. A ideia do Lar dos Portuguezes creio estar esta associada.

Fala-se aqui muito no Campo de Corridas e espera-se a todo o momento que o assunto seja, de vez, resolvido pelo governo da metropole, assim como o da exploração das Obras do Porto.

O primeiro é voz corrente que o

prazo da concessão é demasiado, se atendermos á renda que foi fixada para o Estado. Deveria talvez a provincia ter feito o campo de corridas á sua custa e depois o seu arrendamento, assegurada uma percentagem nos lucros de cada corrida que se realizasse.

Quanto á exploração das Obras do Porto, nem todos se inclinam pela constituição de uma companhia como votou o Conselho Legislativo da Provincia. Vae creando maior numero de adeptos a opinião de que um conselho autonomo daria maiores vantagens para o Estado e melhor segurança.

Ahi falará tambem o Governador sobre este momentoso assunto. E, por hoje, fulgo ter cumprido com fidelidade o meu compromisso.

Abraço-o o seu amigo muito dedicado e agradecido.

Companhia Nacional
DE
PRODUTOS COLONIAIS, L.^{DA}
Rua dos Fanqueiros, 15—LISBOÁ
Tranções sobre cacou,
café, cera, cronote e couros

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a espécie:
LOCOMOTIVAS, ZORRIS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega imediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.^a

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e cores Murales «Murais», preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega imediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotes e taboas, assim como travessas para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim, etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobiliars, Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
Estancia 493

LOURENÇO MARQUES

ARTE

RD. CARLOS AMARO : : : : :
 LUIS MOITA : : : : :
 JOSÉ AUGUSTO MELO VIEIRA

TEATRO — LITERATURA — MUSICA — PINTURA, ETC.

TEATRO

BILHETE POSTAL

Meu querido colono

Esta época é, no continente, a do retorno das vilgiaturas, para toda a gente que pediu licença na repartição publica ou no negocio privado, de ir respirar o ar patuço dos campos ou gôrda bededeira d'iodo de todas essas praias mal civilizadas que fazem a costa de Portugal. Todos nós chegamos, nos dias correntes, num rapido qualquer, á estação do Rocio. A estação do Rocio é um ponto final arrematado á pressa, com a roupa a trouxe-moaxe dentro das malas a preguiça revoltada pelo terminar de tão poucos dias de descanso, e essa pergunta de fastio, posta nos labios para o primeiro amigo:

— «O que temos por aí de novo?»

E o amigo responde, vai respondendo quasi por mim nesta noticia que lhe mando, meu Querido Colono. E' ele que vio estas coisas que lhe vou dizer, e m'as contou entre dois bocejos cerca da meia noite, subindo a Avenida, minutos depois de eu ter chegado tambem, á estação do Rocio...

Beatriz Delgado, essa travessa rapariga, que tem do amor grego uma sensação quasi immediata, longe da imposição irresistivel dos seculos, ela que soube ser uma amorosa e descobriu a vida jogando as escondidas com os faunos,—o que ella propria nos conta em versos de imorredora beleza, apparece-nos um dia, bruscamente, gaiata como sempre, irrequieta no seu corpinho engraçado de miuda, ensaiando um papel de ingenha numa farsa do teatro hespanhol barato, fazendo-nos a pirraça de escolher uma peça má para estreia e mascote da sua nova vida de artista.

Do ensaio, Beatriz Delgado passou á representação. E, meu Querido Colono, Lisboa viu na travessura da curiosa poetisa apenas um ataque de nervos. Disse consigo, talvez com um tuído nada de bom senso, que de bons versos não se passa para mau teatro e não foi ver a artista transaccenando com o Homem do Papagaio. Preferiu continuar a ler o Ritual do Amor.

Foi um desastre a estreia da nova actriz? Nada disso. Não foi isso que me disse o meu amigo na noite da minha chegada, subindo a Avenida. Pelo contrario, elle fez-me referencia até a certos detalhes interessantes que Beatriz Delgado usou na noite da sua estreia, de mascara graciosa, gestos gaiatos, figurinha desempoetrada de timidez. Mas esta referencia foi apenas do meu amigo. Lisboa, que estava muito mal representada ao lado dele, não se referiu depois a nada, não reparou em nada. Os leitores e leitoras da Amorosa se não ficaram magoados de surpresa quando viram o no-

me de Beatriz Delgado no cartaz, — e o meu amigo, de maneira nenhuma foi surpreendido, ao menos asniaram, com ella ou com a farsa, e não appareceram no Politeama.

Talvez o publico dos livros, como afirma Anatole não seja nunca o publico dos theatros, e toda aquella gente que viu, perdida na farsa hespanhola, a poetisa do Ritual do Amor, não tivesse dela ainda a menor recordação. Talvez que ninguem se surpreendesse ao ver, como meteoro encandescente, apparecer nos bastidores dum palco a cinzeladora de sonetos amorosos... Talvez que, melhor ainda, esse publico ancooso de se emocionar com a emoção dos outros erigisse tacitamente della a interpretação duma Hedda Gabler, duma Gioconda, duma Imperia, duma Mona Vanna...

Talvez... Quem s'ab?

LUIS MOITA.

Impressões

“As senhoras coristas”

Não vamos muito ao teatro agora. E' caro e, em regra não é bom. De quando em quando, porém, e para que não sejam iguais todas as noites, lá damos um salto aqui ou ali a ver as novidades (?). Uma noite destas fomos ao Foz. Sem réclamo achámos interessante o espectáculo.

Augusto Soares cuidadoso e sabedor, servia ao publico de Lisboa com um môlho novo e muito apeteçivel, uma porção de «variedades» melhores ou peores mas em todo o caso limpamente apresentadas. De quando em quando, um numero de conjunto dáva-nos uma alegre impressão e com ella a risonha esperanza de que com von adé havia maneira — e isso o diziamos ha muito — de se conseguir por cá fazer o mesmo que se faz lá fóra, como usa dizer-se.

E iamós seguindo com interesse o decorrer do espectáculo, e iamós dando — o que poucas vezes acontece — por muito bem empregado o nosso dinheirinho.

Felizmente não ha intervalo e assim não podémós dizer a ninguem o que nos ia cá por dentro porque...

Porque em dado momento nos surge no palco um grupo de coristas (?) (triples segundos, ali em casa) acotovelando-se, rindo e misturando-se na maior saláda scenica que é possivel de imaginar escangalhando num instantinho todo o trabalho até ali demonstrado e então...

E então teriamos de ir dizer á pessoa a quem tinhamos dito impressões que afinal de contas...

Sim que afinal de contas não é facil conseguir-se coisa de geito... Que nem tudo é para todos...

Ora tendo as nossas senhoras coristas cabeça como as outras, e dentro delas miolos que não serão nem melhores nem peores, o que terão por lá que por cá não haja?

Pouca coisa, um quasi nada mas que no fim é tudo: disciplina e probidade profissional.

Não haverá maneira de se conseguir introduzir em palcos portugueses estes principios?

Estamos convencidos que sim, e as primeiras pessoas com quem contamos para isso são as proprias coristas — as coristas profissionais do teatro — que ainda existem e bem merecem de todos nós, as que mesmo que tenham o «Xico» na platéa não olham senão para a marcação e para o maestro, as que mesmo que vejam a casa meia fazem trabalho como se estivesse á cunha, as que não precisam que as fiscalisem para saberem cumprir o seu dever...

Sim, porque quem está num palco tem deveres para com o publico e um déles — o mais elementar — é ter consideração por elle e...

E o que vimos no Foz — e vémós mnto mais vezes em outros theatros — não é lá muito de molde a chegar-se a concluir que haja consideração por quem a ella tem direito.

JOÃO SILVESTRE.

ESPECTACULOS

S. LUIZ—Uma *Feteira*, que morreu para a vida ha quatro seculos e que, tendo morrido para a scena ha muitos anos, foi agora desempoeirada pela sr.^a Palmira Bastos, que nos continua representando o teatro que ontem tanto assustou as plateias.

POLITEAMA — *O Homem do Papagaio* uma peça que nos faz rir, mesmo sem nós darmos por isso.

EDEN—*O Bolo Rei*, feito com ovos, farinha, grangeia e fructas cobertas respectivamente de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

MAR'A VICTORIA—Ainda a Feira do Parque Mayer sempre, sempre e sempre *Rés-vés*.

SALÃO FOZ—Variedades em conjunto. Silva de mozaicos onde ha desde o arabe á louça de Sacavem.

DESPORTO

Recebemos de Moçambique a interessante descrição duma aventura de caça, em que um belo exemplar de rinoceronte foi abatido pelo exímio caçador, sr. Antonio Leal Peixoto, secretário da Circunscrição de Inhamega (Zambezia).

O rinoceronte, que os pretos muito temem, é dos animais que mais aversão têm ao homem, que por vezes perseguem com fúria e notável persistência, pelo que a proeza do sr. Leal Peixoto, cheia de perigos, revela coragem, uma absoluta confiança no tiro e um grande amor pelo desporto venatorio.

CAÇA

CAPRICHOS DA SORTE...

QUATRO dias de marcha violenta, coroada de exito tanta fadiga, sem o autor destas linhas ver por matao fechado, de sol a sol, procurava ele um elefante que valesse um tiro. Viu rastros, e não poucos, revisitou bandos, que seguiu com a paciência indispensavel a quem caça elefantes, encontrando fêmeas, peizes, irasciveis «marires» (elefantes sem pontas) e machos adultos mas com pouco marfim.

Ao pôr do sol do quarto dia, um sabado por sinal, deparou-se-lhe um ponto optimo para acampar e, parecendo, com probabilidades de lhe fornecer oportunidade de na manhã seguinte seguir elefantes, que de noite viessem beber ás nascentes do rio que dali partia. Desanimado com a pouca sorte dos quatro dias, chamou o preto que sempre o acompanha nas suas aventuras venatorias e consultou-o sobre o dia seguinte. A opinião do homem era que talvez ali voltassem os elefantes cujos rastros, havia pouco, tinhamos visto próximo da agua, mas que só «molungo» (Deus) sabia.

Resolvi então largar no dia seguinte somente atrás de elefantes que, durante a noite, viessem beber ao rio; se a má sorte nos continuasse perseguindo, a ponto de não voltarem á agua os que—a avaliar pelos rastros—todas as noites ali bebiam, ficava a manhã destinada á caça dos bufalos que costumavam pastar nas margens do rio depois de matarem a sede, internando-se no denso matao circunvisinho quando o calor apertava. Concluimos isto depois de observarmos os rastros bem visiveis.

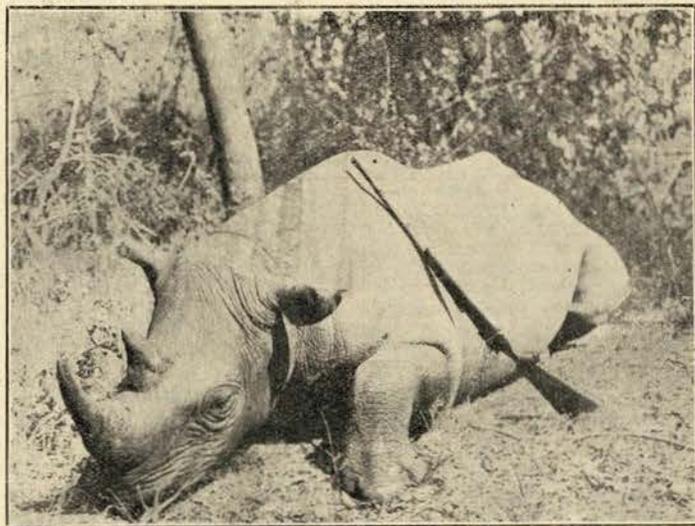
Pronto o acampamento e saboreado um «whisky» com agua, recebeu o fatigado corpo os cuidados que requeria: um banho bem quente, um modesto jantar e o indispensavel repouso numa cama com limpos lençoes. Nada houve durante a noite que interrompesse o sono do caçador; nem sonhos, pois uma noite que se segue a nove ou dez horas de marcha por matao fechado, é muito curta para nela caberem sono e sonhos! Bem aproveitadinha de-

ve ela ser, quando a ausencia de visitas noturnas e indesejaveis o permitam, para compensar o dia que passou e nos preparar para o seguinte.

A pé, aos primeiros sinais do dia, enquanto me preparava, matutava eu se valeria a pena experimentar novamente a sorte, seguindo rastros de elefantes que durante a noite tivessem vindo beber ao rio. Os pretos não os haviam sentido; teriam vindo? Não seria preferivel ir procurar bufalos antes de o sol aparecer e afastá-los? Se matasse um teria carne fresca e uma cabeça para satisfazer um pedido dum amigo que, quasi todas as semanas, me escrevia relembrando a sua enco-

mais esta espécie a coleção de fotos de animais por mim mortos.

A posição entre o caçador e caça era —na minha fraca opinião— a peor possivel; o ideal, julgo eu, é estarem o atirador e o alvo no mesmo plano horizontal, não sendo muito mau ter-se a caça num plano mais alto, mas péssimo estarmos nós em ponto mais elevado que a caça. Era este ultimo o meu caso. Apontei á testa do animal e desfechei, resultando o rino deixar de beber e pôr-se em fuga, apresentando-me o flanco esquerdo, onde coloquei nova bala sem conseguir que ele afrouxasse a carreira. Meti, com a velocidade que me permitia o péssimo piso, atrás do



O belo exemplar de rinoceronte morto pelo sr. Leal Peixoto

menda de pontas de bufalo. Estava o homem em vespuras de partir para a Europa e desejava levar material para mandar fazer uns aneis. O meu inseparavel Iga (assim se chama o preto que me acompanha sempre já estava avisado para não perder ocasião de se matar um bufalo, e fôra ele quem na vespera chamára a minha atenção para os rastros a que já me referi. Discorrendo, pois, sobre a melhor fórma de empregar a manhã, ia eu proseguindo na minha «dilette», quando Iga me anunciou que estava um bufalo bebendo numa das nascentes do rio. Via-se realmente um dorso escuro na direcção que ele indicava. Peguei numa das duas Mausers que tinha comigo, e fui reduzindo os sessenta metros provaveis que medeavam entre o acampamento e o suposto bufalo, no intuito de lhe ver a cabeça. O acampamento estava numa lingua de terra, entre dois braços do rio, bastante elevada em relação aos leitos destes. Quando uns quarenta metros me separavam do animal, verifiquei com alegria indescritivel, que tinha na minha presença, quando menos esperava, um rinoceronte, o primeiro que via apesar de ha muitos anos procurar enriquecer com

bicho, que a breve trecho parou e virou-se ameaçador para mim. Outro tiro conseguiu unicamente pô-lo novamente em fuga, vindo-me na necessidade de o seguir, a correr, por terreno cheio de depressões feitas por pégadas do elefante. Uns cem metros percorridos encarava-me ele novamente, e eu estendia-me ao comprido num charco por ter metido um pé num buraco encoberto na herva. Iga, que nesta ocasião já estava com a segunda arma ao pé de mim, achou chegado o momento de intervir, e mimoseou o rino com as cinco balas de que dispunha. Como depois se verificou, só uma delas deu no alvo, não o tendo porém deitado abaixo.

Antes de proseguir na perseguição do cubicado animal, tratei de ver com que podia contar, encontrando-me com duas armas, das quais só uma—a que eu levára—tinha um cartucho! O acampamento já estava a mais de um par de centos de metros; o rino trotava em direcção a uma densa floresta, para onde se dirigia descrevendo, felizmente, um grande arco de que eu e o preto ocupavamos o centro. Era necessário agir com rapidez para não perder a unica oportunidade que se me ti-

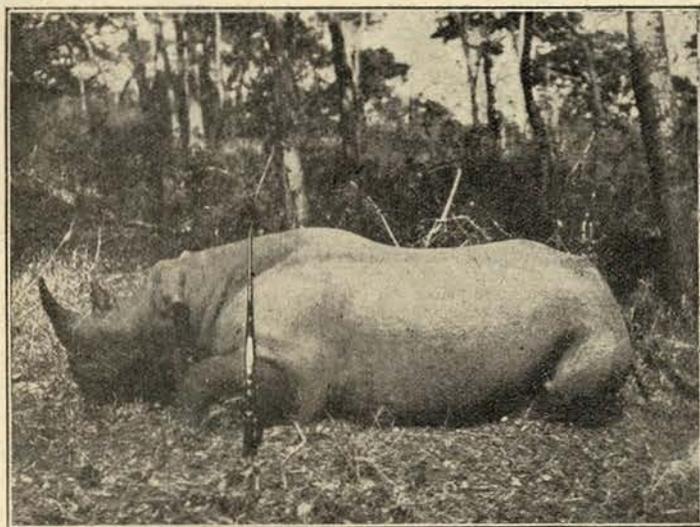
nha deparado de matar um rino. O Iga correu na direcção do acampamento pedindo, ao mesmo tempo, a minha cartucheira aos pretos que ali haviam ficado, e só quando já ia muito perto, se resolveu um deles a vir com ela.

Logo que a recebi e depois de completar o numero de cartuchos na minha arma, segui a corda do arco des-

rito pelo animal ferido, vindo encontrá-lo, marchando lentamente, muito perto da orla da floresta. Um tiro na espádua fê-lo sentar, e outro num ouvido terminou os sofrimentos do meu primeiro rino.

31-VII-1924.

Oinotna Lactoto.



A féra vista de perfil

O F. C. de Cette em Lisboa

Está em Lisboa o Foot-Ball Club de Cette, agrupamento francês, finalista o ano passado do Campeonato do seu paiz.

Até á data a que escrevemos, o Cette effectuou já dois encontros e por mais que se esforcem os que tem interesse em manter o fogo sagrado do club francês, ele não vale nada.

Grupos como o Cette temos nós por aí, não diremos ás duzias... mas aos quarteirões.

Jogando contra o Belenenses o Cette perdeu por 0-1 e jogando contra o Vitoria empatou por 1-1.

E' necessario acentuar que tanto o Belenenses como o Vitoria não jogaram aquilo logicamente deles se podia esperar.

Poder-se-ha argumentar que o Cette tambem não demonstrou exuberantemente aquilo que vale realmente e que não é em um ou dois jogos que se aquilata do valor duma «equipe».

Demos de barato que assim seja, embora o Real Club Desportivo Español, que recentemente nos visitou, nos tivesse patenteado logo no primeiro dia de jogo uma classe bastante superior, que se confirmou em todos os encontros que fez depois.

A verdade é que os homens do Cette apenas podem ser considerados sob o

ponto de vista atletico, restringindo este termo.

Homens fortes, bem proporcionados, com excelente confida e grande «souplene». Apenas isto, porque em relação ao jogo por eles desenvolvido, nada nos trouxeram de extraordinario. Nem a falta de categoria, porque grupos desses temos cá nós, como acima acentuamos. Basta dizer-se que não ha —ou nós não vimos—no Cette, um unico homem «bloqueur comeil faut».

«Dribling» não vimos, remate muito menos. Somos, portanto, forçados a convidar que, se se verificar um fracasso financeiro—o que não acreditamos—com a vinda do Cette a Lisboa, isso provará simplesmente que o nosso publico possui já a noção do que é o bom foot-ball, porque accorre em grande massa aos bons encontros e despreza os maus.

Quando outra virtude não tivesse a visita até nós de grupos fracos tinha esta de demonstrar que o publico português já sabe e muito bem diferenciar o bacalhau do pichelim...

Water-polo

Iniciou-se na passada quinta-feira o campeonato de Water-polo de primei-

ras categorias. Foram adversarios o Sporting Club de Portugal e o Algés e Dafundo, unicos clubs que concorreram a este campeonato.

O desafio foi jogado com grande deslealdade de parte a parte e o resultado foi um empate de uma bola.

A arbitragem do sr. José de Carvalho foi simplesmente escandalosa. Como o Algés se apresentou mais fraco, o sr. José de Carvalho foi engrossar a linha.

Os grupos apresentaram a seguinte constituição:

Sport Algés e Dafundo: — Antonio Pala, guarda-rêde; Leonel Canto e Luiz Sacadura, defezas; Vieira Alves, médio; Manuel Cardoso, Bazilio dos Santos (capitão) e Luiz Reis, avançados.

Sporting Club de Portugal: — Arnold Stockler, guarda-rêde; dr. Oliveira Duarte e Francisco Leote, defezas; Mario Garcia, médio; Emile Renou (capitão), Antonio Silva e Humberto Reis, avançados.

P X

O box esteve entre nós muito por baixa.

Maus combatentes, más organizações, péssimas arbitragens.

Parece que se pretende agora entrar no bom caminho, trazendo a Lisboa grandes «boxeurs» estrangeiros.

Achamos bem, porque só com bons combatentes o publico afluirá e tomará gosto por este excelente desporto.

Podemos anunciar que o grande campeão Charles Ledoux virá proximoamente a Lisboa.

Imprensa desportiva

Os Sports. — Reappareceu este antigo bi-semanario da especialidade que agora se apresenta com um aspecto grafico magnifico e com um corpo de redacção verdadeiramente modelar.

Continua a dirigir o conhecido jornal o seu antigo director, o conhecido jornalista desportivo sr. A. de Campos Junior.

Foto-Sport. — Continua na sua marcha vitoriosa esta excelente revista de sport, a melhor que se publica entre nós.

Excelentemente redigida e com uma colaboração grafica digna de registo, *Foto-Sport* pode enfileirar ao lado das boas revistas estrangeiras do genero

Revista de Fotografias

“FOTO-SPORT”

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

O magazine mais completo

da especialidade

SÉDE: R. Industrias, 7 e 10

LISBOA

Assinaturas para as Africa

10 numeros

33\$00

NOTICIARIO

Capitão João Francisco de Sousa

A bordo do «Beira» chegaram a Lisboa os restos mortais do heroico capitão João Francisco de Sousa, que no duro combate da Mongua, caiu á frente da companhia de infantaria 17, que comandava.

A cidade de Beja, onde está aquartelada aquela unidade, e alguns camaradas do bravo official projectam fazer revestir a sua trasladação da maior solenidade possivel, rendendo assim a devida homenagem ao valor de quem, tão bem, soube honrar o nome Português.

A esta manifestação se associa o Governo, promovendo a representação de todas as unidades de terra e mar e mandando prestar ao feretro as honras militares, que lhe são devidas.

Não é de mais tudo que se faça para demonstrar o reconhecimento e a saudade da Nação e do Estado, por aqueles que, como o capitão Souza, pela conservação do nosso patrimonio colonial deram o máximo que lhe podiam dedicar — a vida.

A *Gazeta das Colonias*, confessando todo o seu respeito pela memoria do heroico official, faz votos por que o seu sacrificio, como o de tantos outros que em terras de Além-Mar teem morrido por Portugal, não seja esquecido e antes seja honrado por todos os Portugueses, num ardente aneio de conservar, através de tudo, o que nos fez grandes e respeitadas — o nosso dominio colonial.

Paulino dos Santos Gil

A bordo do *Moçambique* partiu ontem para Lourenço Marques, o nosso presado amigo e illustre colaborador, sr. Paulino dos Santos Gil, que depois dum periodo de repouso vai novamente entregar-se á actividade que ha largos anos vem desenvolvendo naquela cidade.

Com os nossos affectuosos cumprimentos, desejamos ao nosso querido amigo uma viagem feliz e as maiores prosperidades.

SEGUROS

«PORTUGAL PREVIDENTE»
A MAIOR GARANTIA

*Maritimos (condição inglesa S. S. R.)
Sociaes, Feresiras
e Vida (todas as combinações)*

SEGUROS EM LIBRAS

Rua do Alecrim,
10—LISBOA

Aviação

«Asas de Angola»

No Ministerio das Colonias foi recebido o seguinte telegrama sobre a travessia aerea de Angola, empreendida pelo illustre aviador Sr. Emilio de Carvalho, e a que já fizemos referencia;

«O tenente-aviador sr. Emilio de Carvalho concluiu na dia 29 de manhã, sem novidade, o circuito norte da provincia, realizado com um aparelho «Caudron». O nosso consul em Boma comunica que o aviador foi ali muito festejado pela colonia portuguesa e população estrangeira sendo recebido pelo governador geral do Congo Belga em audiencia particular e tendo o mesmo governador assistido ao banquete que a colonia portuguesa oferece ao empreendedor da viagem. Informa tambem que os portugueses residentes no Congo Belga, com o referido consul á frente, pedem que a ilha portuguesa Sacram'aca, onde o aviador aterrou, passe a chamar-se «Ilha Emilio de Carvalho».

«O governador do distrito do Zaire comunicou que o «raid» é da maior importancia politica e constitui um alto significado do valor da raça, secundando tambem o pedido para ser mudado o nome daquela ilha, posição avançada do nosso dominio no Zaire como comemoração do feito.

«Todas as po'oações do circuito festejaram o bravo official e transmitiram-lhe saudações patrioticas. O aviador trouxe tambem uma mensagem da população do distrito do Zaire, pedindo para ser conservada a aviação em Angola e que se estabeleçam carreiras de navegação aerea na margem esquerda do Zaire.

«Cumprimento o governo da Republica e v. ex.º pelo brilhante resultado do «raid» e seus efeitos sobre a população indigena.—(a) Governador Geral.»

Felicitando o bravo aviador pelo

exito obtido na primeira parte do seu arrojado empreendimento fazemos ardentemente votos pela feliz conclusão da travessia que se propõe realisar.

VARIAS

Partiu ontem para Inhambane o novo governador d'este districto sr. Bartholomeu Severino.

Vae ser colocado na comarca do Golungo Alto como Delegado do Ministerio Publico, o Sr. Dr. Francisco Levita Castello Branco.

Foram indeferidos pelo Sr. Ministro das Colonias requerimentos de diversos funcionarios das Colonias, aposentados pedindo para voltar á efectividade de serviço, não se conformando S. Ex.ª o ministro com a consulta a este respeito produzida.

Vae ser nomeado director da Imprensa Nacional da Guiné o Sr. Francisco Eduardo Leitão, chefe das officinas da referida Imprensa Nacional.

A canhonbeira Mandovi ao serviço da Provincia de Angola, foi mandada desarmar, devendo ser substituida pelo vapor «Granja.»

Numeros especiais

A *Gazeta das Colonias* tenciona editar, em cada ano, um numero especial dedicado a cada uma das nossas Provincias Ultramarinas.

Esses numeros destinam-se, sobretudo, a fazer um cuidado registo de todo o progresso das nossas colonias, pondo ao mesmo tempo em destaque, os factores do seu desenvolvimento, comercial, industrial, agricola, etc. e as suas necessidades mais instantes.

Os numeros especiais, que serão largamente ilustrados, deverão constituir um valioso meio de propaganda do nosso esforço de colonisação.

Para eles espera a *Gazeta das Colonias*, toda a colaboração dos nossos coloniais, no sentido de tornar tão proveitoso quanto possivel o esforço que dispenderá com a sua iniciativa.

COTAÇÕES

TITULOS

TITULOS	Em 20 de Set. de 1924			Em 27 de Set. de 1924			TITULOS	Em 20 de Set. de 1924			Em 27 de Set. de 1924		
	OFERTAS			OFERTAS				OFERTAS			OFERTAS		
	Efectuado	Dinheiro	Rapel	Efectuado	Dinheiro	Rapel		Efectuado	Dinheiro	Rapel	Efectuado	Dinheiro	Rapel
Div. interna fundada						Div. interna fundada							
As. tit. 20:000\$00	—	—	—	—	—	—	Companhias						
As. tit. 1.000\$00	32,50	32,50	—	32,50	32,40	32,60	Caminhos de ferro:						
As. tit. 500\$00	—	28,20	—	28,50	28,50	—	Nacional — — 18\$00 — — 18\$00						
As. tit. 100\$00	—	—	—	—	—	—	Beira Alta — 37\$00 — — 35\$00 — —						
Coupon tit. 1.000\$00	32,40	—	32,50	33,00	32,80	—	Coloniais:						
Coupon tit. 500\$00	32,40	32,00	—	32,50	32,50	33,00	Açucar de Angola 170\$00 171\$00 171\$50 157\$00 165\$00 167\$00						
Coupon tit. 100\$00	—	32,40	—	—	—	—	Agric. Bela Vista — — 83\$00 — — 83\$00						
Emp 3 0/10 1905	9 05	9\$05	9\$00	—	9,00	9\$60	Cazengo — — 490\$00 495\$00 — — 470\$00 485\$00						
Emp 4 0/10 1888	—	14\$00	—	—	—	14\$40	Agric. Ganda, Soc 170\$00 169\$00 170\$00 169\$00 168\$00 170\$00						
Emp 4 0/10 1890 c.	—	—	—	31\$00	—	—	Agric. Príncipe, E — — 10\$00 11\$00 10\$50 10\$50 11\$90						
Emp 4 1/2 1888-89 as	—	25\$00	—	—	27,00	30\$00	Agric. Ultramarina — — — — — — 170\$00						
Emp 4 1/2 1888-89 c.	—	30\$00	—	—	37\$50	37\$00	Agric. Colonial Soc 25\$00 25\$400 — — 26\$00 — — 270\$00						
Emp 4 1/2 1912 ouro	—	60\$00	—	—	600\$00	630\$00	Amboim 85\$00 — — 89\$00 — — 89\$50						
Emp 5 0/10 1909 c.	—	36\$00	—	—	37\$00	38\$00	Boror 219\$00 — — — — — — 215\$50						
Emp 5 0/10 1917 c.	—	30\$00	—	37\$50	37\$00	—	Cabinda 5\$10 5\$00 5\$20 — — — —						
Emp. 6 1/2 1923 ouro	402\$00	401\$00	403\$00	413\$00	413\$00	413\$50	Colonial Buzi 104\$00 163\$30 104\$50 158\$00 — — — —						
Externas 1ª serie	551\$00	550\$00	—	531\$00	—	—	Congo Português — — 120\$00 12\$50 — — 15\$00 26\$00						
Externas 3ª serie	628\$00	620\$00	—	610\$00	—	615\$00	Ilha do Príncipe 117\$00 — — 7\$00 400\$00 — — 400\$00						
Cauteias da 3ª serie	—	—	—	—	—	35\$00	Luabo — — — — 7\$00 — — 6\$50						
Obz. Div. Prov. de Angola 3 0/10	—	—	—	—	—	70\$00	Moçambique até ao n.º 1.222.221, inc. — — 65\$00 — — 60\$00 — —						
Ações						Obrigações							
BANCOS:						Caminhos de ferro:							
Alentejano	—	—	—	—	—	—	Através Africa 5 0/10 194\$00 190\$00 192\$00 192\$50 192\$00 194\$00						
Aliança	—	—	—	—	—	—	Beira Alta 3 0/10 2.º gran. 65\$00 65\$00 — — 60\$00 75\$00						
Colonial Português, p.	—	—	—	61\$00	60\$00	65\$00	Benaguella, 5 0/10 1.050\$ 1.030\$ 1.060\$ 1.005\$ 1.006\$ 1.010\$						
Colonial Português, a.	—	—	—	—	—	—	Norte e Leste 3 0/10 1.º gr. — — 173\$00 — — 250\$00 — —						
Colonial Português c.	—	64\$00	—	—	62\$00	66\$00	Norte e Leste 3 0/10 2.º gr. — — 45\$00 — — 45\$00 — —						
Comercial de Lisboa	285\$00	283\$00	288\$00	—	275\$00	295\$00	Diversas:						
Credito Nacional	—	—	—	—	—	—	Agua 4 1/2 0/10 c. 45\$00 — — 46\$00 — — 44\$00						
Industrial Português c.	—	50\$00	—	—	—	—	Banco Nacional Ultramarino 4 1/2 a. — — — — — — — —						
Industrial Português a.	—	—	50\$00	—	—	50\$00	Banco Nac. Ultramarino 4 1/2 c. (ouro) — — — — 85\$00 — — — —						
Lisboa & Açores	—	—	520\$00	—	495\$00	505\$00	Banco Nac. Ultramarino 6 0/10 h. — — — — — — — —						
Nacional Agricola c.	—	—	—	—	61\$00	63\$00							
Nacional Agricola p.	—	—	—	—	55\$00	65\$00							
Nacional Agricola a.	—	54\$00	—	50\$00	52\$00	53\$00							
Minho	—	—	275\$00	270\$00	269\$00	270\$00							
Nac. Ultramarino, a.	—	195\$00	198\$00	—	196\$00	210\$00							
Nac. Ultramarino, c.	220\$00	219\$00	221\$00	220\$00	—	—							
Popular Português	—	—	23\$00	—	—	24\$00							
Portugal	846\$00	—	—	836\$00	835\$50	836\$00							
Português e Brasileiro	—	88\$50	90\$00	—	88\$00	—							

Produtos coloniais

Cambios

PRODUCTOS	Quant.	Em 20 Em 27		PRODUCTOS	Quant.	Em 20 Em 27		Cotação oficial	Em 20-9-1924		Em 27-9-1924	
		Sot. 1924	Sot. 1924			Sot. 1924	Sot. 1924		Compra	Venda	Compra	Venda
Algodão	1 k.	23\$00	22\$50	Cocono e de Loanda	15 k.	42\$00	39\$00	Londres	137\$00	137\$50	132\$00	133\$00
Amido de mandioca	»	—	—	Couros limpos	»	12\$50	12\$00	Fin de Julho	—	—	—	—
Borracha de Ambiz 1.ª	»	9\$00	9\$00	Farinha de mandioca	»	—	—	Paris	1.62	1.65	—	1.57
» 2.ª	»	7\$00	7\$00	Fibra de agave	»	—	—	Alemanha	—	—	—	—
» Loanda e Beng.	»	8\$00	8\$00	Gergelim	»	—	—	Praga	—	—	—	—
» e » 2.ª	»	6\$00	6\$00	Goma capolo	»	—	—	Holanda	11.80	11.95	—	11.50
Cacau fino	15 k.	82\$00	79\$00	» branca 1.ª	»	—	—	Madrid	4.04	4.10	—	3.95
» paiol	»	70\$00	60\$00	» miyta	»	—	—	Belgica	1.51	1.54	—	1.43
» escolha	»	40\$00	35\$00	» preta	»	—	—	Italia	1.33	1.36	—	1.31
Café Ambriz	»	160\$00	154\$00	Marfim de lei	»	—	—	Suiça	5.79	5.85	—	5.65
» Cazengo	»	156\$00	150\$00	» meio	»	—	—	Suecia	—	—	—	7.94
» Encoge	»	158\$00	152\$00	» escaravelho	»	—	—	Nova-Yrk.	30.50	31.10	—	29.70
» Novo Redondo	»	165\$00	160\$00	Milho	»	18\$00	16\$00	Brasil	3.14	3.20	—	—
» S. Tomé	»	175\$00	170\$00	Óleo de palma do Congo	»	83\$00	75\$00	Rio de Lisboa	—	—	—	—
Cera	1 k.	16\$00	15\$00	» de Loanda	»	85\$00	79\$00	Rio	—	—	—	—
Coconote do Zaire	15 k.	42\$00	39\$00	Ricino	»	—	—	Libras ouro	—	—	—	—
» da Guiné	»	42\$00	39\$00	Tapioca	»	—	—	Agio do ouro	—	—	—	—

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio
Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000 Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00
Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes, Viseu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cab Verde, Bissau, Bolama, Kinshass (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Leanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

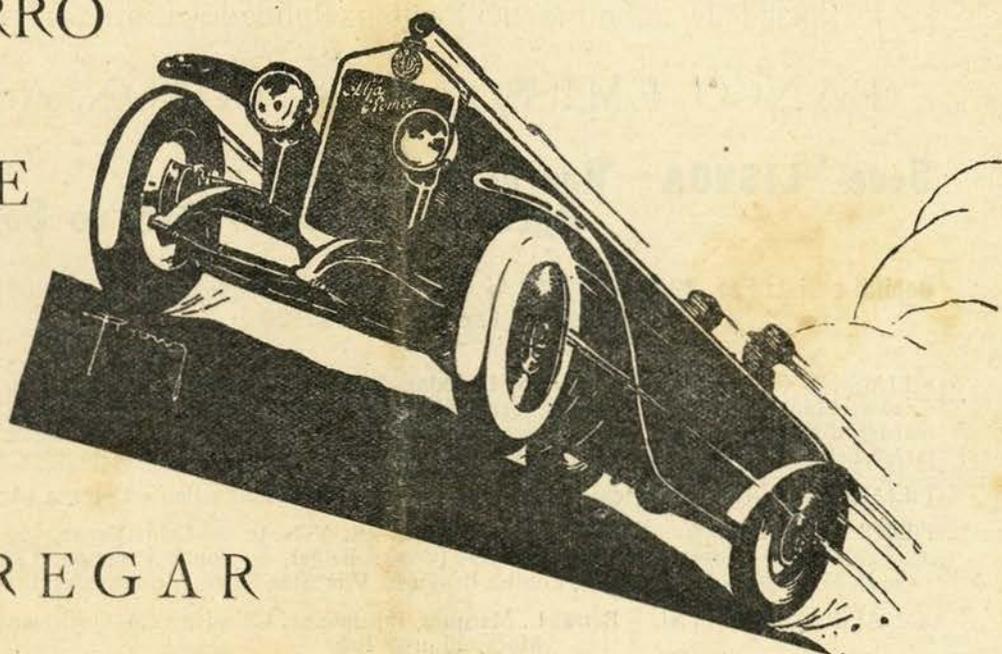
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE
NUNCA FALTARÁ AO

CARRO

QUE



EM REGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY